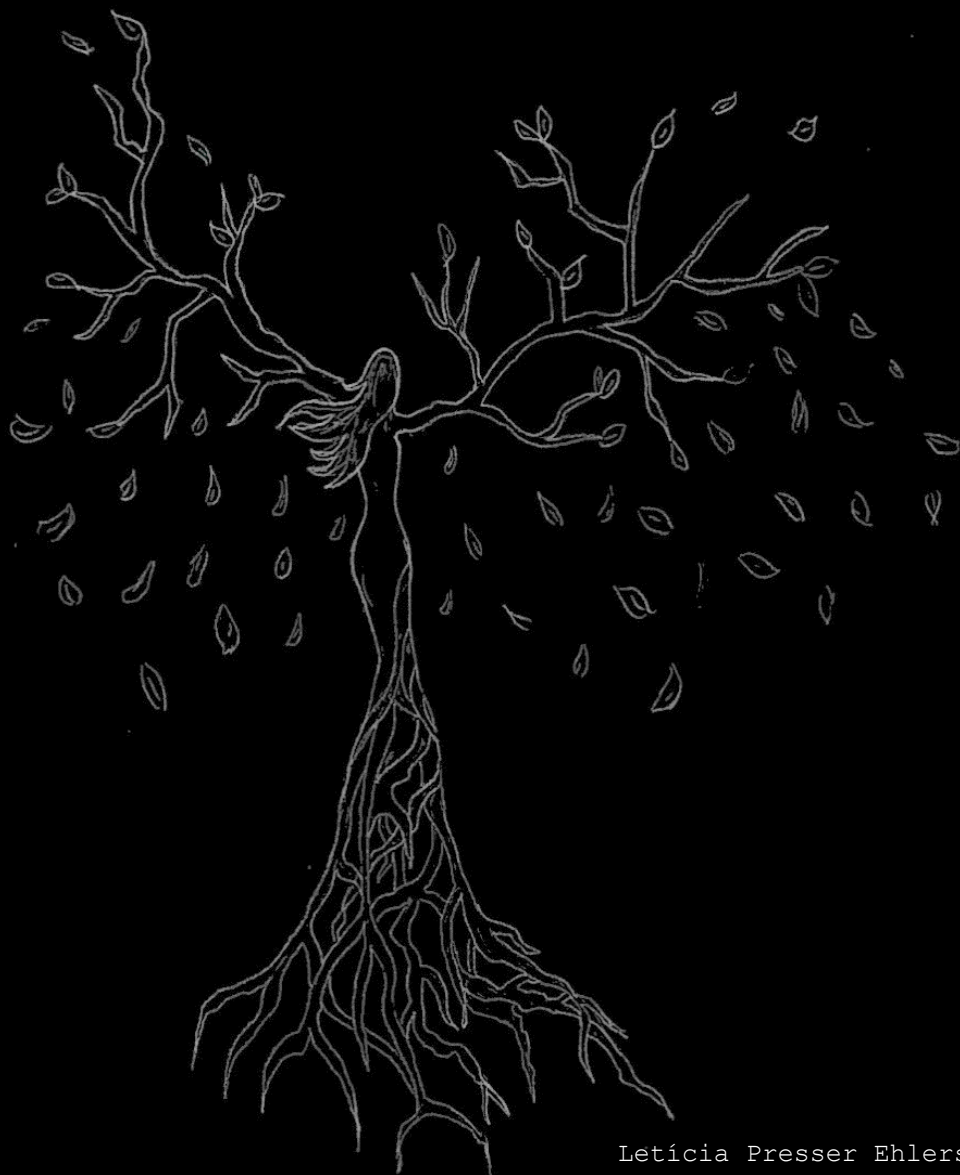


(En)canto de Jurema



Letícia Presser Ehlers

En (canto) de Jurema

Letícia Presser Ehlers

Capa

Letícia Presser Ehlers,

Camila Presser Alvarez

Ilustrações

Camila Presser Alvarez

Conto

Ancestrais,

Letícia Presser Ehlers

Orientação

Jaqueline Tittoni

Revisão

Luciano da Silva Alencastro

2017

Ehlers, Letícia Presser. (En)canto de Jurema.
Porto Alegre: s.n., 2017.

Canto este conto aos ancestrais,
anhangá,
orixás.

Em especial,

Exu

Pombas-Gira

É contracorrentes,
para a esquerda.

Agradeço a poiesis da vida

À artesanía do conto, a foto de minha avó

A cada escrita, uma vivência

A cada compartilhamento, um afago

A cada leitura, um eu (des)conhecido

A cada página arrancada, o vento

A cada encontro, sua sacralidade

A cada rasgo, sua resistência

A cada colagem, sua insistência

A cada imagem, sua realidade

A alma, sua ancestralidade

A Jurema, sua brasilidade

Ao (en)canto do mosaico:

Nós

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história.

Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las.

Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual.
(Walter Benjamin)



Eu queria avançar para o começo,
Chegar ao criancimento das palavras.
(Manoel de Barros)

Encantar-se, produzir encantamentos, ou melhor, deixar-se ser encantada, ser com o encanto para cantar o conto, possibilita vivenciarmos o (en)canto de Jurema neste cinza-tempo.

Jurema é mais familiar que possas imaginar, há no seu encanto algo que nos constitui desde tempos imemoriais, enquanto brasileiros. É a ela que nos voltamos para restituir a alma imaginal por si mesma.

Em meio a selva de pedras, permita encantar-se com o conto, com o que ele te afeta, sem a pretensão de esclarecimentos, mas, talvez valorando a potência das obscuridades, contra-fluxos, periferias que o encontro com a ancestralidade brasileira possa nos produzir hoje.

Para renovar nossa ligação com os ancestrais, precisamos alimentá-los e sermos alimentados por eles, que estão nas profundezas do mar, na floresta, nas pedreiras, no ponteiro

do relógio, no florescer de uma camélia ou sentados, neste momento, ao teu lado.

Aproximemo-nos da transcendência que um conto com seu encanto nos possibilita, em que o coletivo e o individual se (des)encontram na sua linguagem mágica e mítica, um borbulhar de si com o criancamento das palavras.

Que o avanço para o começo seja um momento de parada no fim. Iniciando pelo fim e finalizando pelo início, estamos em companhia de Exu, Hermes e Pombas-Gira, que nos permitem desviar-nos e descaminharmo-nos das pretensões cotidianas da (fantasia da) nossa realidade.

Por isso, há estranheirismos já no folhear as primeiras páginas deste livro, é a mudança de perspectiva, é para a esquerda, em direção a morte do que entendemos ser hoje (o que pensamos, intuímos e sentimos sobre nós mesmos), em nossa unilateralidade.

Podes estranheirizar ainda mais a dinamicidade do conto.

Brinque com o preto e com o branco, a primazia deste par de opostos que existe em todas as culturas que conhecemos hoje. O branco não seria branco se o preto não existisse, a clareira só é vista quando estamos submersos no escuro, assim também não há caos se não sabemos da possibilidade de limitações.

Brinque com o preto, veja só as páginas em preto. Suas imagens em ação possibilitam o fluir na e com a imaginação, mobilidade que se energiza com a primeira carta do Tarô, o louco, o início da nossa jornada, que também necessita do branco para saber até onde andarilhar.

Ou fique com o branco, vivendo-o claramente no encanto do conto. Mas tenha cuidado com as palavras escritas aqui em tinta preta, tornando-as imaginativas, maleáveis de fixidez e literalismos que o espírito da nossa época possa ter se esquecido.

Entre sombras e luzes, há o resgate da polissemia, a lente multicolorida e politeísta que nos torna humanos. Há branco e preto nas letras e nestes papéis, mas também há outras, que a imaginação do preto e coagulação do branco nos permite reinventarmo-nos a cada página virada por ti, pelos personagens, pelo vento, pela lua, pelo sol ou por Jurema.

Assim, o (en)canto também pode ser delineado por ti, ao abrir o conto e cantá-lo a partir de uma abertura sincrônica com o momento em que vives.

Jurema estará todo tempo falando contigo, permita-se viver sua escuta.

Alimenta-te de teus ancestrais.

Aos mortos, a estrela-guia de um cinza-tempo.

Ei, espere.

Sem Exu nada se pode fazer.

Antes de iniciar, precisamos reverenciar Exu, divindade dos (des)caminhos que atua indiretamente no nosso trilhar, induzindo, seduzindo, conduzindo.

Ou no seu inverso.

Exu está sempre entre aqui e o mais além, possibilita o dinamismo e a intensidade do nosso encanto com o conto, mas para isso, há necessidade de uma oferenda.

Pense, Sintá, Intua, Imagine.

Qual é a tua oferenda?



Foi assim:

Num tempo muito e pouco antigo num lugar chamado cidade-brasil. Houve uma noite acinzentada, na verdade, todos os dias passaram a ser assim, cinza-névoa.

Sabe quando bate ao meio-dia e não há sombra em nós? O cinza impede o contato com esta tal da sombra e com essa tal de luz.

Lua ou Sol o tempo todo, o todo é nada.

Ao mesmo tempo, é daquele tempo que vivemos só dias assim sombrios, cinza-claro, cinza-mescla, cinza-escuro.

O cinza vive a cidade.

É cinza o tic-tac todo dia, toda hora, é hora de ir para o colégio, é hora de trabalhar, é hora de correr, é hora de vagar no e com o cinza.

Vagar?

Dessas insistências transitórias na rua, em que o caminhar é contra-corrente é contra o tempo, um contra-tempo, talvez.

Não nos olhamos nos olhos.

Não é um lugar de encontros, é trânsito.

A ampulheta grita e insiste:

“sejas o que quer ser, desde que triunfes
no reino”

Reinar em terra cinza.

E não é que uma tal de Jurema-Branca quis?

Era ela no tempo da ampulheta

E o tempo da ampulheta nela,

na sua vida,

com o fluxo da cidade-brasil.



Em tempos de ampulheta, o que se permite
ser ou fazer?

Jurema não tem tempo para resposta.

Tempo tempo tempo

Vive o caminho de Jurema:

Da casa para o colégio, da casa para o
trabalho.

O tempo é daqueles caras consumistas.

Quando ganha tempo é como um ganha pão, é um tempo secular que em segundos seu tempo é gasto em tudo quanto é coisa.

O tempo te (des)gasta.



- Pelo menos, tenho amigos - pensa, Jurema - e eles são tudo pra mim!

Os amigos são seu meio para viver, são o fio que a movimenta todos os dias, com o fim de reinar em terra-névoa.

E não é que chega o dia em que as desilusões acontecem? O céu cai por terra?

Quando se coloca tudo em alguém, o mundo desaba, o fio que sustenta Jurema é cortado.

- Me decepcionei com vocês - esperneia, Jurema.

- Isso fala mais de você do que de nós, Ju - remá - diz uma amiga.

- Não entendi, por que fizeram isto comigo? E por que brincas dessa maneira com meu nome?

- Ju - remá - todos insistem.

Insistências e persistências de Jurema.

Não há tempo de elaborar o que lhe aconteceu,

Apenas aconteceu.

É tempo de viver no ritmo do tempo, que delimita o círculo que ela pode perambular.



E a noite seguinte?

Cinzenta, aos tons sonoros do início de uma tempestade.

Jurema cai de cama. Está doente.

Seu corpo dói, não consegue levantar-se.

Dor na perna, dor no caminhar.

Mas mais dolorido é seu ventre:

Lado esquerdo e lado direito.

Tenta virar-se de todos os lados.

Muita dor.

Jurema olha para seu corpo.

Há a marca do corte do fio.

O choro vem e se intensifica:

- Como conseguirei reinar nesta cidade? Não consigo me movimentar, o meu corpo dói por inteiro. Não sou inteira! Será?

Sua mãe chega a seu quarto:

- Jurema é hora de ir ao colégio.

- Não consigo, mãe. Meu corpo não deixa. Sou também corpo.

- Como assim, minha filha? Tens que ir, precisas ser alguém na vida!

- Desculpa, mãe - responde, Jurema com seus olhos transbordantes de água.

Sua mãe fica vermelha e entoa em alto e bom tom:

- Vou já marcar um médico para você. Isto é falta de remédio, já já estarás curada e tudo isto não passará de uma birra qualquer.

Jurema e a chuva choram e se abraçam.



Semana medicada.

Ao som da música na sala de espera. Então, uma propaganda: Em caso de persistirem os sintomas, o médico deverá ser consultado.

Jurema escuta e percebe que está no melhor lugar da cidade para curar-se. E em cinco minutos recebe a prescrição do tal curador, o remédio. É ele a sua salvação.

Com a rápida aquisição de sua cura, planeja retomar as atividades nos próximos dias.



Passa a semana.

Jurema consegue deslocar-se da cama para o banheiro e só.

A dor insiste sem pestanejar.

Jurema faz mil e um exames. Não há nada de errado. Não há diagnóstico. Não há, nada!

Sua mãe está estarecida e acredita fielmente que sua filha a está enganando, pois isto nunca acontecera com alguém de sua família, tampouco ouviu-se na cidade a impossibilidade de cura por medicamento.

- Mãe, acho também muito estranho o que está acontecendo comigo, das outras vezes me recuperei rapidamente das minhas enfermidades com os medicamentos. Só que, neste momento, não estão funcionando. Sinto-me péssima por sentir-

me fraca com toda esta situação. Não encontro saída. Pareço estar num labirinto sem fim, com esta dor pestanejante em meu ventre.

A passos largos, sua mãe se afasta, cada vez mais.

A culpa encontra em Jurema, lugar.



Semana em oração.

Sua avó materna lhe telefona:

- Aloooooou!

- Oi vó querida! Estou com saudades de ti - diz, Jurema.

- Pois bem, meu girassol, também estou. Viste a chuva que caiu essa semana?

- Sim, vó, a minha lágrima se encontrou com a lágrima do mundo.

- É verdade, minha querida. Mas não sei se percebeste que a chuva não molhou o chão no tempo certo, isso é sinal de sofrimento, e logo lembrei-me de ti, por isso resolvi ligar.

- O que quer dizer, vó?

- É tempo de viver, Girassol. O futuro é um buraco no presente, e a gente só o olha de

relance, foi assim que meu avô falava. Esses sinais, traços que a natureza nos apresentam devemos prestar atenção, não tentar controlá-los.

- Ah vó, como é bom ouvir isso de ti! Consigo agora respirar e pisar em um terreno de compreensão. Sinto-me contemplada por tuas palavras, e será que a natureza pode me ajudar?

- Os meus avós, querida, mexiam muito com terra e ervas medicinais, infelizmente, esse conhecimento não foi me passado. Parou no tempo.

Jurema dá um suspiro. E sua avó responde:

- Girassol, é possível conversar com os espíritos da natureza, no lugar em que gira o Sol.

- Não entendo. Podes me levar lá?

- Querida, esse caminho é teu. O que hoje posso oferecer-te é uma ida ao domingo na igreja, podes confessar-te com o padre, amigo meu. Talvez algum pecado há de ter em ti, assim, poderás livrar-te do mal que te aflige por meio da oração. O que achas?

- Pode ser, vó. Estou me sentindo bastante sozinha ultimamente. Pois ninguém mais quer escutar o que estou sentindo, pareço estar invisível no meio de tanto cinza-tempo.

- Quero ajudar-te, girassol. Vamos juntas, tu conversas e confessas ao padre sobre este

mal que se apossou de ti. Assim se sentirás melhor!

- Espero que isso aconteça, vó. Mas ainda assim este mal que falas, neste momento não consigo nomear, só sei que me dói, profundamente.

- Talvez para ti apareça como profundo, mas verás que ao contatar-te com uma confissão e demonstrares arrependimento, isso passará a ser superficial e poderá alçar vôo para longe de ti.

Após a missa, a igreja lhe confere perdão.

As costas de Jurema estão um pouco mais leves, consegue andar mais ereta. Contudo, a crise do ventre acontece e sua frequência se intensifica, ao ritmo do cinza tic-tac de todo dia.



Entre as dores, o caminhar.

Depois de tentar as possibilidades de saúde que a cidade lhe permitia, Jurema sai para caminhar e carrega a culpa junto de si. A culpa

encontrou lugar, porque talvez Jurema era o vaso adequado, encaixou.

A culpa está pela cidade o tempo todo.

E, por vezes, encaixa e há a liga culpa-pessoa.

Talvez a questão não seja por que encaixa...

Mas a que serve a culpa?

O que ela quer mostrar?

O que impede o caminho de Jurema ressoar sem culpa?

O que a faz diferente, distanciar-se da cidade-tic-tac?

Jurema sente dor. A dor clama por Jurema.

E, começa a ressoar no seu caminhar uma ideia-movimento, uma ideia que corre, corrente, não (as)sentada:

“Em caso de persistirem o médico, a religião ou a cidade-tic-tac o tempo todo, o sintoma deve ser consultado”.

E questiona-se:

- O que queres de mim, sintoma?

- É uma bela pergunta, minha querida - um mendigo sentado ao chão lhe refere a palavra.

Jurema fica extasiada com a pertinência do comentário e senta-se ao lado dele e de seu lampião para conversar.

- Precisas conectar-se com o que te aflige, é também ele o caminho - refere, o mendigo.

- Como assim?

- Ofereço-te um caminhar atento para um lugar mágico, queres embarcar nesta aventura?

- Parece perigosa, aventurar-se requer uma abertura ao desconhecido e tudo que foge ao controle, me dá medo.

- As pessoas têm medo do que não entendem, Jurema. Mas tu me escutaste, mesmo sendo quem sou, pois, normalmente, as pessoas me dão de ombros, como se eu fosse invisível, um não humano. E talvez seja isto que me afina com pessoas desconhecidas todos os dias, permite que cada encontro seja único, dando sentido a minha vida na rua e à rua na minha vida.

- Que lindas palavras, querido. Vejo que tens este dom. Mas não te conheço, como sei que não está me enganando ou me desviando de meu caminho? Pergunto isso até por sabemos como são os que moram por aqui com seus caminhares malandros e trapaceiros.

- Só dependes de ti, Jurema. Há outras perspectivas dos que moram aqui que muito foi esquecida, talvez esse cinza-névoa impeça de ver algumas coisas, com outros olhos.

- Não tenho outros olhos, só esses aqui que mamãe me deu.

- Por isso mesmo é a única perspectiva que olhas e vives o mundo, o que te limita e te adoenta. Ver com outros olhos é como trocar as cores das lentes dos nossos óculos ou mesmo a forma que nosso olho se adapta para enxergar o perto e o longe, há outras formas de ver que não exigem apenas olhar, mas coração.

A reflexão toma conta de Jurema.

- Desejo ir contigo, caro amigo, mas temo.

- Tememos o que mais desejamos, Jurema.

- Onde vamos? Que horas voltaremos? Qual a duração desta aventura?

- Permita-se ser levada pelos seus pés, aproxima-te de teus passos na terra que caminhamos, sinta o chão que pisas, e comece a imaginar o teu peso sobre ele. O quanto tu carregas dele e o quanto de ti ele carregas.

- Isto parece pesado. Receio que não consiga acompanhar-te.

- Experimente a fluidez de um outro ritmo do caminhar. Sinta o sabor da rua. É outra rua. É outro sabor. É outro.

- Se me permites, prefiro fechar os olhos, assim consigo passear nos meus passos. Mas dê-me tua mão, sim?

As mãos se entrecruzam.



Na melodia dos passos, Jurema começa a andar com passadas mais longas. Pouco a pouco, para e respira. Abre os olhos. Admira o cinza, que há tempos não admirava.

- Já tentaste sentir o gosto e o cheiro da terra que encontramos aqui?

O mendigo pega a terra e oferece que a cheire, toque, e coma uns grãos.

- Parece sal na terra.

- E terra no sal. É tempo de sal, salgar a vida na terra. Esta terra sim, a nossa.

- Mas o sal?

- É ele, Jurema, que auxilia, quando em medida adequada, aproxima-nos do que nos acontece.

- Isto é muito nebuloso pra mim ainda, como este céu.

- Tu mesma já iniciaste o caminho, conversou com o que sente. Da tua ideia-corrente é importante que se torne tangível, dosando com sal.

- Posso levar um pouco desta terra comigo?

- Querida, sabes que ela está sob teus pés aqui e em qualquer outro lugar que pisares. Aqui aprendas apenas a dosar o sal.



Ambos, mendigo e Jurema-Branca, aproximam-se da periferia da cidade-brasil.

- Agora, minha querida, podes abrir os olhos. Aqui estás segura, não precisas mais de minha mão.

Jurema surpreende-se:

- É tudo deserto, e é um deserto que sempre esteve aqui e nunca ouvi falar.

- É seco, quente, poeirento, sem água. É aqui, Jurema, que se permite o encontro através dos tempos, ao calor da fogueira mística.

- Mas cada vez mais nos afastamos das pessoas, é assim que deve ser? Sinto que caminho e não vejo um objetivo esperançoso.

- É preciso este afastamento. Este deserto arenoso, quente e estéril fala muito de ti.

Jurema começa a tremer-se e sua dor toma força.

- Querida, ao deserto pertence a dor. Os antigos também vagavam no deserto em busca de algo, alguns lutaram contra demônios, outros contra a espera maçante da solidão.

O mendigo pede silêncio.



Mendigo e Jurema aproximam-se de uma pedra, e esta oferece-lhe repouso.

A menina senta na pedra e a sente:

- Sou eu que sento ou é ela que se senta em mim? Eu a sinto, mas será que ela me sente?

- Querida, se acreditas que sim, confie. A pedra tem o dom do que já passou e as marcas de um passado longínquo. Demora para se formar, e se modela no tempo e com o tempo. Esta pedra chama-se Breu Branco. Ela é uma resina de árvore que se solidificou e se tornou um fóssil. Hoje ela protege o meu casebre que fica embaixo da terra. Ela vive sobre mim. Sinto-me bem com sua presença em mim.

Ressoa em Jurema-Branca:

Breu,

Branco,

Pedra,
Da Árvore solidificou,
É fóssil,
É morte-vida

- Isso, as pedras, muitas vezes, têm milênios de anos. Imagine quanta história tem numa pedra, inclusive abaixo dela!

- Parece que o encontro entre água e pedra são essenciais a nós. Minha lágrima toma forma no encontro com ela.

Da lágrima de Jurema surge um broto de uma planta em cima da pedra.

Da lágrima, um broto,
Encontro morte-vida





Quando chegam a porta do casebre, Jurema-Branca bate seus olhos no símbolo de uma cobra - saliente na porta de entrada:

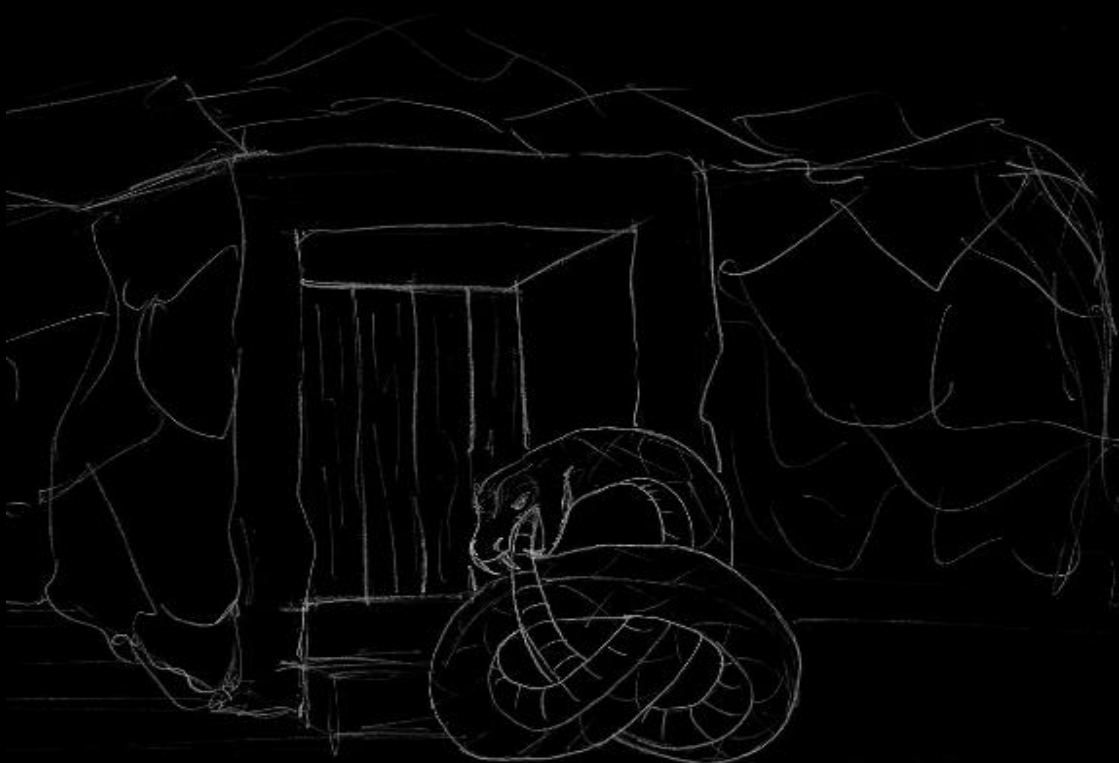
- A cobra está comendo a sua própria cauda! Que impactante esta imagem! Mas que símbolo é este? O que significa?

- É importante perguntar a si mesma o que te afetou com esta imagem, fique com ela. É este o intuito deste encontro, disparar.

- E talvez despertar?

- Pode ser também, a ideia de compor uma base poética para vida requer um campo vasto de possibilidades. Gostaria de te contar algo

específico sobre esta imagem, não buscando significado nem explicação, porque então a perdemos. Precisamos ir sentindo-a *a pari passu* com as várias versões de sua história. Esta cobra chama-se OROBORO, quando chegar o teu momento, entenderás. Mas fique e brinque com as possibilidades da palavra, quem sabe, possa tornar-se imagem.



- Tornar-se imagem? Como pode isso?

- Às vezes, o caminho requer profundezas. Mas ainda precisamos sentar ao pé da mística fogueira, sinto que necessitas contar-me o que te aconteceu e aproximarmo-nos do teu sintoma, do que sentes, de tua aflição no corpo.



Com seu lampião, o mendigo empresta fogo à lareira no recanto da sala. E inicia contando-lhe sua trajetória, conduzindo a palavra:

- Querida Jurema, gostaria de, primeiramente, apresentar-me. Sou um Eremita.

Retira o capuz e começa a contempla-la nos olhos:

- Quanta vida em seus olhos!

Jurema se surpreende e fica extasiada por um momento. Interrompendo o fluxo dos olhares, questiona:

- E por que o senhor veste-se como um mendigo e vai até a cidade grande? Que sentido vêes nisso?

- Querida, sou como guardião e protetor das profundezas da humanidade. Quando alguém precisa de mim, já estou à espera. Estou sempre entre o aqui e o mais além. Sou conhecido como o Velho Sábio. Carrego comigo este lampião que me permite conectar-me com o dom da palavra, que só é possível no silêncio de meu casebre.

- Muito prazer, Eremita. Mas não entendo porque esta necessidade de viver só.

- O fio, teu cordão umbilical, foi cortado, e era necessário para que esse encontro se tornasse possível. Depois do corte, há vida a ser vivida. Ao mesmo tempo que lhe causa dor, também é libertador, liberta a dor, Ju-remá.

- Não entendo o que dizes. Mas como sabes do episódio com meu nome?

- Apenas senti a necessidade de referir a ti desta forma. Talvez seja algo dos tempos imemoriais.

- Imemoriais? Seria algo que não lembramos neste cinza-tempo? Que esquecemos? Que furtaram de nós? Tem como a memória desaparecer? Isso é assustador, Mestre.

- Vejo através desta tua afetação, que agora é tempo de te encontrar e, mais tarde, isso influenciará na nossa rede de relações que em algum momento estagnou-se ou fragmentou-se nesta cidade-brasil que dessalgou-se.

- Nossa, parece ser um terreno pesado.

- Sim, minha jovem, requer um afastar-se desse tempo que come seus próprios filhos para ter em suas mãos o controle de tudo e de todos.

- O tic-tac?

- Isso, Kronos, Saturno, controlador, que quer controlar tua dor, seja com remédio seja com orações. Mas, neste momento, o controle precisa ser desenhado, harmonizado com outros tempos de que esquecemos.

- E como posso me preparar para esta tarefa, Mestre?

- É preciso, primeiro, que encontres correntes para prender este tempo linear, irreversível, que quer fim, mediar e delimitar. E, então, deixe-se afetar por esta dor do corte, que é bastante dolorida. Mas como tu mesma disse, é preciso perguntar a esta dor o que ela está querendo lhe dizer, ela tem necessidade de ti e tu dela.

- Necessidade, Mestre? Isto me conecta de forma abrupta com ela, como se fossemos inseparáveis nesta jornada e explicita sua autenticidade! Agora sinto que aqui a dor se intensifica! Esse deixar acontecer, permite a minha ação da não ação.

- Esta dor, querida, é como o segredo da Romã, mas tem outro nome, é segredo teu, Jurema.

- O que? - fica assustada com o que escuta.

- Sim, e é esta ferida do teu fio que te ensinará a enxergar através da sua vida gerada até aqui, não na busca da cura, mas vai compondo contigo os próximos passos do teu caminhar iniciático, que está em seu nascedouro.

Jurema fica pensativa:

- Tenho fé.

- A fé já é a metade da cura, querida, e daqui em diante é importante que ela se intensifique e tu a sustente durante o teu caminhar.

- Sustentar? Ela pode desaparecer, é isso?

- Jurema, se a tua vivência for forte e intensa demais podes querer fugir ou não credibilizar-lhe uma realidade. Isso acaba com a fé. E o carvalho do teu fruto grita pra ser vivido. É tempo de mergulhos em significância, que transcendem as nossas vidas!

- Transcender o que é isso?

- Vejo que há necessidade desta vivência em ti. Jurema, estás sob a 10° lua do ano, que será tua companhia. Durante teu percurso, é importante que saibas que são as tuas mãos as guardadoras do que te acontece. Elas te permitirão uma aproximação com as vivências anteriores. Mãos à obra, menina!

Jurema começa a suar pés, mãos, corpo.

- Mestre, posso levar teu lampião?

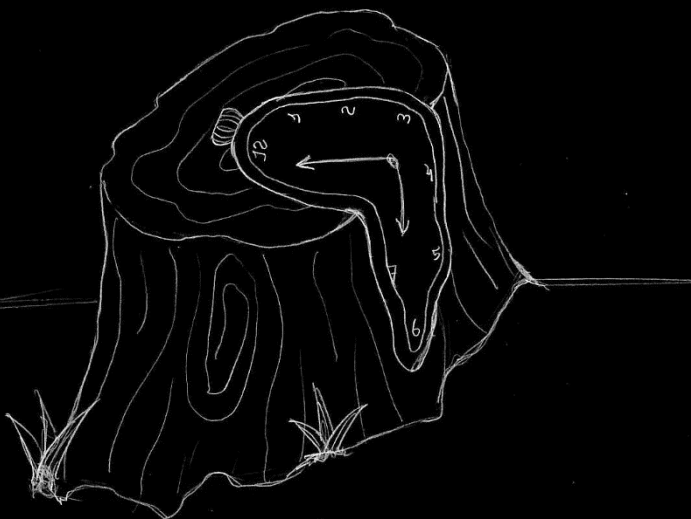
- Querida, é preciso que encontres o teu.



Em seus devaneios, Jurema se mobiliza de um lado para o outro, tentando ver um ritmo seu de um caminhar. A dor grita. Jurema grita:

- Ahhh! Mestre, preciso ir!

- Mas, antes do teu partir/parir, sinto que já estamos envolvidos um com o outro, preciso que pegues este relógio e o quebre. Para que te desdobre, é preciso da dobra.



- Como assim?

- Quero falar-te sobre o enigma do tempo. Já ouviste falar em Aion, o encontro com a atemporalidade da vida? Não tem causa e efeito, não tem antes, durante e depois. É um não-tempo, não sofre as marcas do tempo, é o eternamente presente a que tudo contem. Está aí desde os primórdios da humanidade, é o que nos une. É preciso ação, agir sobre o tempo de um não tempo.

Jurema fica atônita. Quebra o relógio com toda sua força no chão.

O chão desestabiliza.

Tudo treme.

A casa se estremece.

Tudo vai abaixo.

Sub-mundo.



Jurema acorda, está rastejando para baixo da terra.

Como pode isso?

Menina-cobra? Cobra-lagarto?

Lagarto rastejante.

Cava Cava Cava.

Tem sede por cavar, onde?

Deves cavar com que intuito?

Para onde tens que ir?

Jurema?

Ainda escutas?



É tudo escuro.

Um arrepio na espinha.

- Que cheiro é esse? Que frio!

Começa a ressoar um ruído.

Estranheirismos.

- O que é isso? Onde estou? É tudo invisível!

Barulho do lado, gritos de outro.

Desespero.

- É muita escuridão!

Uma massa confusa de vozes em todo canto.

- Caos! - balbucia de espanto!

Jurema começa a pensar no caos da vida humana.

- É também no caos a potência, cada caos tem alguma forma dentro de si! Esse caos deve ter forma!

Então, ela começa a movimentar-se procurando as paredes, seus pés e mãos se permitem grudar, dobrar e desdobrar-se.

- Até onde pode ir? - Rasteja de cabeça para baixo.

- Uma casa?

- Uma caverna?

- Medo!

Jurema joga-se para baixo.

A terra começa a ondular-se em frequências desarmonizadoras, de um lado para o outro, de trás pra frente, de lado para outro.

Jurema tenta segurar-se, seus pés nus vibram na sintonia terrena.

Ela desestabiliza, se agacha. Precisa conectar-se com o pó da terra.

Rola de um lado para o outro.

E o som de um tambor começa a atravessar as paredes.

De repente o corpo de Jurema se levanta e começa a movimentar-se levemente compondo ritmo.

Jurema tenta controlar o movimento:

- Esse corpo é meu! Eu que domino! O que é isso que acontece a mim?

Jurema tenta atirar-se no chão, tropeça e seu corpo volta a dançar.

A dança lhe dança, o corpo lhe dança, o espírito lhe encontra.

Jurema não consegue governar os movimentos e desiste.

A dança a leva a dançar pelos ares.

Começa a ver que o ritmo da dança instiga uma maleabilidade do corpo que jamais percebera antes.

Envolve-se com a música e é envolvida por ela.

O ritmo a encontra, as frequências se desordenam na harmonização da melodia, que encontra lugar no espaço.

Ju-remá

Ju-remá

Ju-remá

Ju-remá

A escuridão e a música se envolvem no ritmo
Ju-remá, entre sons e silêncios o ritmo...

Entre espinhos e cheiros ruins, Jurema
delimita seu lugar-dançante.

Movimento-corpo

Corpo-movimento

A arte da dança, da música, do corpo,

Encontro entre espírito e corpo,

Corpo na musicalidade do espírito,

Brasilidades

O som medeia as palavras que começam a
entrar por algumas arestas e frestas. E pela
porta que traz certa luminosidade vermelha.

A canção entra e se dissipa:

Cabocla, seu penacho é verde
Seu penacho é verde
É da cor do mar

É a cor da cabocla jurema
É a cor da cabocla jurema
É a cor da cabocla jurema

Juremá¹

Muitos corpos, muitas penas, muitas cores,
muitas danças, muitos movimentos, muitos sons,
muitas tintas vermelha e preta entram no
recinto.

Um ser pára em frente a Jurema e coloca-lhe um adorno na cabeça.

Jurema entre medo e desejo, sente o penacho em sua cabeça e começa a conseguir enxergar no escuro, as diferenças sombrias que ali compunham com os movimentos dançantes.

Está em um tipo de oca, grande, com algumas redes penduradas. À sua volta, figuras estranhas e inumanas!

- Estou em contato com o inferior do humano? - apavora-se.

Depara-se a sua frente, alguém está deitado em cima de um monte de palha.

A morte?

Assusta-se.



Espanta-se com um alguém morto à sua frente!

Aproxima-se, é ela! Jurema está morta?

- Como pode isso? Isso é desesperador! Por que comigo?

Quer correr dali. O som cada vez fica mais forte, no movimento da roda que se forma no

entorno de Jurema morta, a dança torna-se circular.

Tambor e sua batida entre-mundos

Maracás soando vozes de espíritos

A dança, os corpos, o movimento a destoam, destronam.

Jurema é levada pela dança, pelas peles e penas coloridas.

O ritmo altera-se, é momento de passagem, em direção à morte, para a esquerda.

Passagem morte-vida

Fogo

Opera

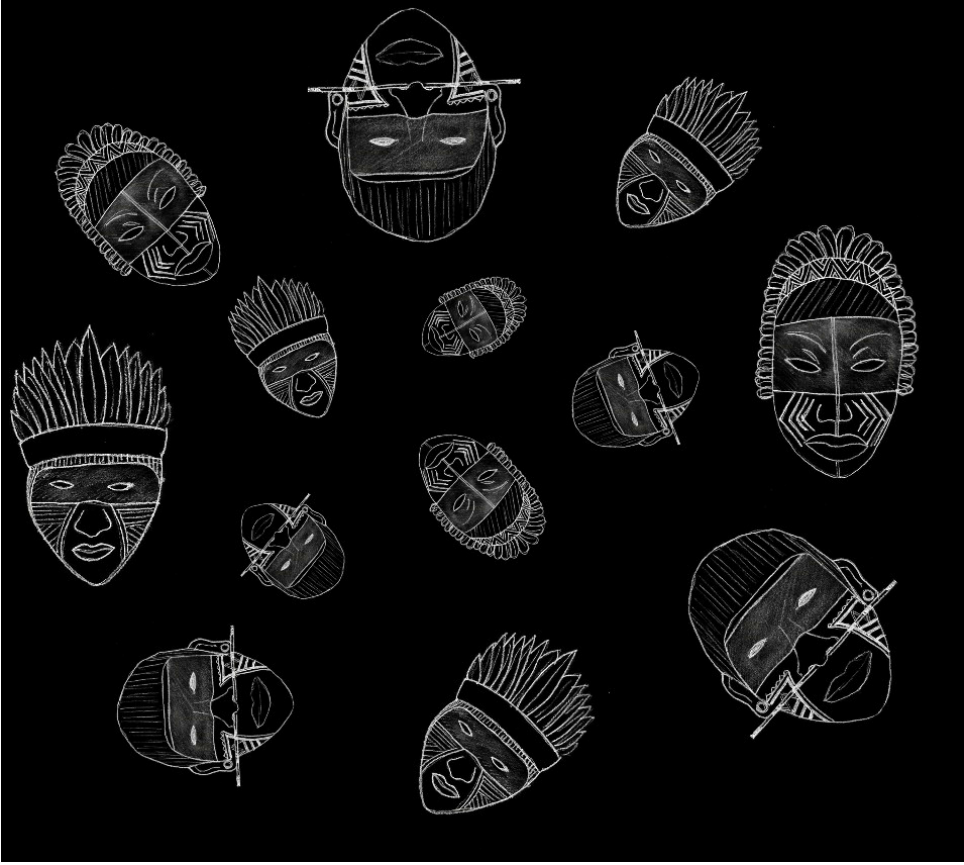
Dança

Corporifica

Tambor

Comunica

Seus companheiros de roda...



Do fogo, um ser feminino acende um candeeiro, é ele que ilumina, a meia luz, uma parte da oca, em meio a vasta escuridão.

O candeeiro aprofunda a escuridão.

Os cantos e sombras distantes são breu.

O ritmo da música vai diminuindo.

O fogo apaga.

- Por que é necessário a morte? O fogo? Para onde vão estes restos? O que dizem essas máscaras? Sinto que elas não ocultam, mas revelam mais do que nossos rostos.

Silêncio.

Jurema se agacha e toca na areia sobre seus pés, a cheira e a prova. Está mais salgada que antes.

- Alguém fala a minha língua? Ou devo buscar outra língua? Será que por aqui há alguma língua ou forma diferente de se comunicar com os outros?

Silêncio.



- Apresento-me. Sou brasileira? Nossa, nunca havia pensado em me apresentar desta

maneira antes... Enfim, falo português, um pouco diferente de Portugal, porque tivemos uma mistura de culturas entre indígenas, africanos, portugueses, e talvez temos nos esquecido disso...

Aproxima-se, a passos vagarosos, um caboclo, com dificuldade no caminhar, talvez o mais velho dentre aqueles dançantes.

- Prazer, sou o Pajé desta tribo. Somos todos brasileiros, não somos índios, nem negros, nem portugueses, somos todos e não somos.

- Prazer, eu sou Jurema, mais conhecida como Jurema-Branca, e como pode isso, senhor?

- É uma longa história, querida. Precisas esperar a bebida ficar pronta, estou preparando-a com as raízes de uma planta, com muito cuidado para ti.

Jurema contempla a delicadeza das mãos do Pajé no encontro com a planta.

- Primeiro, deve-se raspá-las e eliminar a terra que nelas possa estar contida, e lavá-las muito bem. Logo, as raízes precisam ser colocadas sobre uma pedra e maceradas por meio de outra pedra. Assim, surge uma massa que deve ser diluída em um recipiente. O líquido vai tornando-se avermelhado, é esta a sua cor, semelhante ao vinho, por isso fica conhecido por este nome. Então, com a ingestão do mesmo, poderás compreender o motivo do nosso encontro.

- Tem certeza que assim que tem ser? Beber?

- Sim, Juremá. Ouviste tua música? Há muita coisa dos tempos imemoriais que terá que te aproximar. Vejo que já está conseguindo conversar com teu corpo que te afligia.

- Estou tentando me movimentar em seu ritmo. A dança é uma forma muito especial de expressar as nossas dores corporais, por ser um viés de comunicação com ele, não é?

- Vejo que estás bastante mobilizada com nosso encontro. Que bom! E fico feliz que não tenhas fugido da gente.

- Foi tortuoso, encarar a minha morte? Isso é difícil demais. Mas fortaleci minha fé no movimento dançante, principalmente, depois do encontro com as máscaras, foi reconfortante.

- A passagem que presenciasses aqui é da morte inflada e literal de Jurema, que não cabe por essas bandas, pois impediria que vivesse essa experiência conosco, o rito de iniciação.

- Quer dizer que uma parte de mim não cabe aqui?

- Não reinará por aqui, é de uma outra forma que Jurema deve aprender a viver. Isso significa aproximarmo-nos da nossa relação sempre presente com a morte, que é fundamentalmente humano. E é com ela que nos encontramos a nós mesmos, humus da humanidade.

- Humus.. aquele cheiro da descida? Hmm... Mas a morte é tão importante assim?

- Nesta realidade sim, e necessária.

Jurema fica surpreendida, sem palavra, balbucia, sua língua se enrola, não sai som de sua boca.

- E as máscaras de que falaste, Jurema... Elas são as essências em nós. Revelam sentidos que são extirpados por nossa expressão pessoal do rosto, estão para além de nossas aparências. É um elo coletivo muito forte que é colocado aqui, uma relação com o que está além de nós. Assim, quando entramos em contato com a morte de alguém, todo o coletivo sente, entendes? Seu aspecto misterioso e transcendente comunica-nos com nossa ancestralidade.

Jurema respira forte, sente um ímpeto ao ouvir soar última palavra do Pajé...

- Ancestralidade? Nós temos ancestralidade? Ou como podemos chegar até ela?

- A partir do espinho (Ju) e cheiro ruim (remá), que teu nome te guiou até aqui, Ju-remá. Conheces a ancestralidade de Jurema, tua alma ancestral?

Pajé retira-se e vai ver como está o processo da bebida. Das cinzas da morte, as raízes são estrinchadas, sua fermentação em pote argiloso, e então a bebida é despejada.

- Que lindo o pote que estás segurando, é feito por quem?

- Pelas mulheres de nossa tribo. Interessante tua observação, Juremá. A cultura afeta a forma dos vasos, sabias?

- Em que sentido, Mestre?

- São os vasos que revelam mistérios de uma cultura, que talvez a escrita ou outras formas de comunicação não refletem tão bem. A ideia de que cada vaso com sua forma, coloração e textura tem sua peculiaridade e nos contatam com o invisível.

- O invisível?

- Por meio da percepção, podes incorporar invisibilidades. Não perca o olho negro, Jurema. Perceba o material de que é feito, a maneira de conter através de sua forma, e as suas possibilidades de interação com a substância da bebida...

- Posso pegar?

- Sim, querida.

Pajé passa-lhe o vaso e Jurema vai tateando-o, olhando, sentindo cada desenho, fragmento, tinta...

- Tu precisas conhecer o formato de teu vaso. Agora é preciso que bebas este vinho, Juremá, faz parte do ritual.

- Mas o que é um ritual?

- É algo entre o profano e o sagrado. Diferencia as vivências e as torna únicas. Se os teus dias te vivem, ao final do dia não lembrarás o que te aconteceu, apenas é mais um dia como qualquer outro. Se tu vives o dia e o contempla como um ritual, ele é especial. E consegues saboreá-lo por mais algum tempo.

- Não quero. Isto não pertence a mim. Este ritual é de vocês!

- Juremá, como tens olhos impuros, o que é da nossa condição humana, mas precisas sentir a dor do corte, e o ritual te auxilia a aproximar-se disso no contato com nossos ancestrais. Vejo que já começaste a enegrecer iluminando a si mesma, vai aproximando-te das cores de Jurema que te compõem hoje.

- Há outras cores? Eu sou só Jurema-Branca, não estás vendo?

- Tu, Juremá, és brasilis neste momento, mas precisas dissolver-te com tua matéria preta. Esqueceste tua língua daqui de baixo, por isso foi necessário o encontro com a tua morte de Jurema-Branca do mundo branco lá de cima, lembra?

Jurema fica pensativa.

- Tu também foste colonizada, assim como nós. Para aproximar desta história, peço que pelo menos feche os olhos e te guie pelo

imaginal de minhas palavras, já que não estás pronta ainda para o ritual da bebida.

- Mas, Pajé, eu quero saber mais, antes de.. antes de..

Pajé coloca a mão sobre a boca de Jurema e lhe diz:

- Os brancos jogam palavras ao vento, e esquecem que as palavras são forças que têm poder invisível e agem sobre nós. A palavra é sagrada, Juremá. Sentemo-nos, sim?

Jurema senta-se de penas cruzadas de frente para o Pajé, o (en)cantador de histórias.

- As histórias são criaturas selvagens, Mestre.

- Ainda bem, Juremá. Neste momento, serás minha pupila, precisas restituir tua raíz, e assim sentirás pertencente a este rito. É mais fundo! Prepara-te e me acompanhe.



O Pajé pega dois cachimbos conectados entre si, ao estilo de um vaso pelicano, em que a circulação do ar pelo mesmo é contínua, e o acende.

- Querida, preciso que pegues o outro lado do cachimbo.

Jurema pega com delicadeza.

- O que o Senhor colocou aqui dentro?

- Algumas folhas secas e partes da raiz de uma planta.

- A fumaça... isso dificulta a nossa interação de olhares.

- E possibilita teu fluir por outras frestas e de outras formas.

- O que devo fazer, Pajé?

- Por meio desse tubo em meu nariz eu inalo o que você exala, e assim também acontecerá contigo, você inspira a minha fumaça.

- Fumaça, ar e o fogo, o ar dá ao fogo um certo resfriamento, ainda que incrementalmente mais o calor, não é verdade, querido Mestre?

- Sim, Jurema, esta preparação faz parte do ritual, é fertilização cruzada de espíritos que necessitamos chamar para tua juremação.

Jurema começa a inalar a fumaça.

- Prepara-te - diz, o mestre - Vamos ao encontro de uma certa ancestralidade da alma de Jurema. Aproxima-te de tuas imagens, feche os olhos, imagine ativamente, projete e fantasie...

É tempo de Jurema (em) ação.



A vida de Jurema vivida para trás
Jurema estremece-se de frio. Pajé indaga-
a:

- O que houve, Jurema? Onde estamos?

- Está tudo muito escuro...

- No princípio era tudo muito escuro.
Escuro que não existia errado ou correto nem
bom ou mal. Escuro...

- Tu te referes ao princípio de tudo?

- Sim, Juremá, o mito da criação da
humanidade. Podes ver que há muitas similitudes
entre culturas e religiões acerca da criação,
como o início escuro.

- Talvez por seu espaço sólido ser composto
por muitos morcegos com suas asas negras batendo
constantemente...

- Talvez pela projeção da sombra de corujas
primitivas... O que se sabe é que neste mistério

obsкуро, existia um tal de Velho com seu cajado.
Ouço vozes:

Por quem foi criado?

Como foi criado?

Qual sua origem?

Criou a si mesmo?

Ou existia desde sempre?

- Ah! Só os caraíbas sabem - refere-lhe, o Pajé.

- Caraíbas? Estamos aproximando-nos de uma mitologia indígena?

- Isso, querida. A mitologia Tupinambá, povo que vivia no nordeste desta cidade-brasil, há 30 mil anos antes da chegada dos portugueses pelos arredores.

- Quanta história e cultura por essas bandas! Agora entendo porque partes desta perspectiva.

- Então, é importante que possamos viver essas imagens junto, à medida que narro, os personagens tomam forma, e tu podes interagir com os mesmos à medida que a escuta vai te tocando, e assim vais tecendo teu fio no corte.



Retomemos.

- As primeiras existências do princípio escuro: O velho e seu cajado.

Pajé o cutuca.

- Bom dia, ancestral querido!

- Bom dia, queridos Pajé e menina branca, o que os trazem aqui?

- Desculpe, atrapalhar teu sono profundo, querido ancestral. Esta é Juremá, minha pupila, que necessitas semear, aos poucos, este encontro com o escuro.

- Pajé! Velho! Não consigo enxergá-los, mas sinto suas presenças.

Jurema vai colocando pé a pé com cuidado para não tropeçar no Velho, e o toca.

- Bom dia, querido ancestral, como estás? Conta-me um pouco do teu contato com o mundo escuro... Não te amedrontas?

- Pois é, Juremá, tive a mesma percepção que você. No início, quis criar o céu e o fiz de pedra, contudo ainda conseguia avistar as trevas, e para embelezar um pouco mais o mundo, fiz uma terra lisa e plana.

- Uau quanta beleza consigo contemplar! E com este vale reluzente e verde, continuaste morando no céu?

- Não, querida, fiquei entusiasmado com a criação que resolvi morar na terra, contudo, senti-me bastante sozinho, e aproveitando os troncos das árvores, comecei a esculpir os primeiros homens.

- Olha, eles ali caminhando, quanta diferença do que hoje somos! Quanta delicadeza em tua arte artesã da criação!

- Sim, foram eles que me fizeram sentir-me bem, eu parecia necessitar deles para ser e continuar perpetuando-me na criação. Assim, ao fazer a chuva, a terra era fecundada. E dos seus brotos, a possibilidade do alimento.

- A terra vai tendo vida! E como era a tua interação com estes primeiros homens? Falavam a mesma língua?

- Pois bem, Juremá, nos inteiramos mais de corpo do que de língua falada. Construimos nossas ocas, fazíamos e compartilhávamos os alimentos e bebidas. Os homens sempre me respeitaram.

Passa um homem e os cumprimentam respeitosamente:

- Benção, querido Velho! Sejam bem-vindos a esta comunidade harmoniosa, Monan é nosso

semideus, é ele o criador do céu e da Terra e também dos animais.

- Quanta cumplicidade por aqui, a mata, os animais e os seres humanos convivendo tão bem!
- Jurema lhe refere a palavra.

Ao que Pajé põe-se ao seu lado, e lhe diz:

- Todos somos um, Juremá, lembres disto.

Jurema fica pensativa.



Jurema retorna ao Velho e vê em seus olhos, uma angústia.

O Velho, Monan, conta-lhe com muito pesar:

- Pois bem, chegou um momento, que a harmonia se desarmoniza.

Jurema vê que os seres humanos esqueceram da existência do Velho, passam reto por ele, parecia ter se tornado invisível:

- Hey! Homens! Olhem pro Velho, ele que criou este mundo! - Jurema cutucava um a um e ninguém dava-lhe bola. - Como pode isso, querido ancestral?

- As pessoas deixam de prezar por sua origem, esquecendo de seu valor para entenderem quem são. Perdem sua história.

Jurema fica perplexa pelo comentário:

- E o que fizeste com isso?

- Quis me vingar, a convivência com os seres humanos, aproximou-me de seus vícios e virtudes. Resolvi voltar ao céu, vamos lá pra cima, Juremá.



Pajé, Juremá e o Velho no céu.

- Vou destruir tudo lá embaixo, um dilúvio de fogo é preciso!

O dilúvio se pôs sobre a Terra, formando montanhas e abismos.

- Sério, Velho? Criaste o mundo e o destruístes?

Pajé referiu-lhe a palavra:

- Este episódio ficou conhecido como o apocalipse do mundo Tupinambá.

- Apocalipse, Mestre? Quanta destruição!

- Acalme-se, Juremá, devastou-se o que se conhecia, mas ao mesmo tempo, o apocalipse traz

a possibilidade de o mundo tornar-se outro.
Escute...



O Ancestral Velho com seu cajado começa a ressoar as palavras cuidadosamente:

- Disto tudo, só restou um único homem que continuava a honrar-me, Irin-magé ou Pajé do Mel.

- É ele o descendente da tua criação? - Jurema respira profundamente.

- Sim, Juremá, pelo respeito dele a mim decidi salvá-lo.

- Onde está ele, querido Velho? Ainda só contemplo fogo lá embaixo...

- Ali, Juremá, num lugar desconhecido.

- Ele está referindo-te a palavra, não consigo escutar.. o que ele quer?

- Quer saber se vou morar com ele na terra, mas como já trouxe minha mala, vou ficar por aqui mesmo, deixo a ele a função de reconstruí-la. Mesmo que ele esteja triste, acredito ser a melhor opção, vou levá-lo até a terra, é lá o seu lugar.

O Velho mostra a Jurema o dilúvio de água que coloca na terra, ao criar Tupã, tornando o mundo mais habitável:

- Veja, Juremá, agora, Irin-Magé continuará o meu trabalho. Precisarei descansar agora. Fiquem bem, Pajé e Juremá, vocês precisam descer para acompanhar de perto a trajetória dele.



Jurema e Pajé chegam a terra e presenciam a origem do mar, Pajé a faz experimentar a água:

Pajé aproxima-se de Irin-Magé:

- Boa noite, caro Pajé, podes nos apresentar a esta linda donzela ao seu lado?

- Com certeza, esta é minha mulher e em seu colo está Maire-Monan, meu filho, que vive nesta terra-sem-mal. Nosso Velho, criador, continua nos contemplando lá de cima, conseguem ver?

Jurema e Pajé olham as primeiras estrelas que aparecem no céu.



Jurema pede um tempo para conversar com Pajé:

- Mestre, ainda hoje se fala da existência desta terra-sem-mal e a busca pela mesma, principalmente por algumas tribos indígenas, o que isto quer dizer?

- Havia este pedaço de terra que não conheceu o mal, pois não fora afetada pelo dilúvio, onde as coisas germinam sem a necessidade de ação humana, em que a inteireza do ser é possível, contemplando o plural da unidade primeira entre animais, plantas e seres humanos.

Pajé respira fundo:

- É hora de descansar na morada de Irin-Magé, Jurema. Amanhã é o dia das transformações.

Jurema fica entusiasmada e suaviza seu sono à luz das estrelas.



Irin-Magé chega sem pestanejar ao lado de Jurema:

- Já é dia! Veja Juremá, comecei a compreender o apocalipse como a possibilidade de inovar na criação, é preciso estruturar e organizar o mundo, transcendendo os limites da terra e projetando no céu.

- Nossa agora entendo, caro ancestral! A harmonia deve saber viver bem com a desarmonia, e pra isso os limites...

Irin-Magé a contempla e corre para conversar com seus descendentes.

- O que é aquilo, Mestre? O que Irin-Magé foi fazer?

- Juremá, Irin-Magé também é conhecido como feiticeiro, trouxe os rituais sagrados ao povo Tupinambá, como as oferendas para os espíritos mortos, que habitam as profundezas das águas e provocavam tempestades, os Anhangá. Lá onde vivem não há prazer, por isso veem a terra para atormentar os vivos, até os dias atuais de Jurema-Branca.

- Nossa, Mestre, quanta amplitude de olhar por aqui. Talvez precisemos retomar estes rituais no dia de hoje, não literalmente, mas sacralizar os eventos de nossas vidas e de nossa morte. Aquela ideia de morte-vida, não é?

- Uma boa observação, Juremá. Como ainda és minha pupila, peço que repare nos pupilos em volta de Irin-Magé, estão aprendendo as formas de governo, a agricultura, o cultivo das ervas medicinais, a importância da chuva.

- Pajé, isto me lembra das histórias de minha vó. Mas o que ele está fazendo com o fogo dos pássaros?

- Pergunte a ele, Juremá.

- Hei! Irin-Magé! Onde vais com esse fogo?

- Preciso entregar aos meus descendentes, assim conseguirão afastar os anhangá de suas ocas e se diferenciarão dos animais, auxiliando em sua sobrevivência por aqui.

Jurema contempla um animal...

- Uma onça? Olhem lá, ela caça os peixes sem a necessidade da pesca! Mas o que é isso, é também ser humano?

Ao que os olhos de Irin-Magé ficam com as veias saltadas e de seu rosto sai muita fumaça:

- Esse é meu maior inimigo, Sumé, ele também está ajudando na organização da terra. Já tentei mata-lo, assim como ele fez comigo, mas não deu em nada. Acontece que surgiu Ajuru, parente dele que veio morar na minha comunidade, está vendo ele ali?

- Sim, mas não entendo, Ancestral... porque tanta raiva, com essa possibilidade de morada de Ajuru por aqui, uma união entre as comunidades não seria possível?

- Não, Juremá, as coisas parecem ser mais simples do que são. Só que Ajuru estava aqui para se casar com Inambu, minha filha, por isso o aceitei. Acontece que... Ajuru saiu para pescar, e veja.. Suaçu está na rede com sua irmã, mesmo grávida, o incesto aconteceu.

- Incesto? Esse é um dos grandes tabus das comunidades primevas, não?

- Isso mesmo, Inambu ficou grávida de dois, e escondeu de seu marido, que só ficou sabendo quando conversou com Sumé. Indignado, armou uma armadilha para seu cunhado, esmigalhando sua cabeça, devorou-o e queimou sua cabana.

- Nossa, que horror! Vocês entraram em guerra?

- Primeiramente, acreditamos em Ajuru que nos informou sobre o sumiço de Suaçu...

Jurema começa a escutar uma melodia de flautas:

- Que linda harmonização! Isso é um chamado de ajuda?

- Isso, Juremá, é a forma de comunicarmos que estamos a procura de alguém da comunidade, pedindo auxílio também aos ancestrais, assim, ao recebermos uma outra tonalidade, poderemos seguir seus efeitos sonoros. Contudo, naquele dia, foi Muçurana que recebeu Matintaperera em sua casa, um mensageiro de Suaçu, para informar do ocorrido.

- É ela aquela cobra? Uau! Que amedrontador tudo isso! Ela está cheirando os dejetos de Ajuru, não é?

A cobra sobressalta sobre Ajuru e engole um pedaço seu.

- Sim, ela acaba de descobrir que foi ele quem matou Suaçu, agora a tribo vai persegui-lo. Preciso ir também!

Ajuru é capturado.

- O que vão fazer com ele, Mestre? - Jurema refere a palavra ao Pajé.

- De nada adiantas a preocupação que é apenas uma fantasia passiva, precisas vivê-la, saber lidar com ela.

- Como?

- Abrindo-se para outras possibilidades de resolução dos conflitos. As mulheres cuidarão de Ajuru, contemple a dança, o ritual da bebida de Caium pelos homens, a demonstração de sua morte por um homem da tribo.

Da morte com marretada, a carne é distribuída para todos da tribo, exceto Uiraçu quem o matou.

- Comer como a possibilidade de integração - Refere Jurema.

Jurema contempla a separação das partes do corpo do morto pela comunidade.

De seus dentes, um colar.

De seus ossos, flautas.

De seu crânio, um símbolo de proteção na entrada da comunidade.

Irin-Magé volta a terra-sem-mal:

- Vês, Juremá? Este ritual da morte traz a possibilidade do encontro com a terra-sem-mal, do qual descendo, é este o caminho.

- Agora compreendo melhor, Irin-Magé. E as famílias continuaram cultivando essa inimizade?

- Sim, isso faz parte do viver em comunidade, disputas e guerras são importantes para a perpetuação de nossa cultura. Só o guerreiro que mata o inimigo, pode trocar seu nome, acrescentando o nome do morto e tendo a permissão de entrada na terra-sem-mal pela comunidade. - Irin-Magé respira fundo e continua - Veja Inambu tornou-se um pássaro e seus ovos, os filhos. Vou dar-lhes um lugar no céu.

Dos ovos às estrelas, que, logo, ao chegarem ao céu, desaparecem. Jurema fica assustada:

- O que aconteceu? Por que sumiram?

Irin-Magé fica magoado:

- Acredito que o Velho os destruiu, por terem violado suas regras. Preciso tomar uma água, um pouco, já volto.



Jurema senta-se ao lado do Pajé.

- Pajé, quantos ensinamentos hoje. Mas ainda não compreendo a relevância desta alteração do nome para eles.

- Juremá, é no sentido de que nomear, dar palavra ao que acontece, fortifica o guerreiro, que afasta-se cada vez mais da morte, adquirindo valores e virtudes dos mortos, tendo sua morte mais rapidamente vingada por seus parentes. A terra-sem-mal exige cabeça partida, assim, só aos inimigos cabe esta morte. Agora, escute atentamente a palavra de Irin-Magé... Depois entenderás a importância do nome.



Irin-Magé retorna:

- Então, começo a perceber que a comunidade Tupinambá continua a desrespeitar as regras que criei. Agora um a um serão transformados em animais...

A linha de metamorfoses começa a tomar conta da terra. Contudo, Pajé, Juremá e Irin-Magé são surpreendidos com a aproximação de alguns homens:

- Desculpe incomodá-los, mas queremos fazer um convite ao nosso querido Pajé do Mel, vamos fazer uma festa em sua homenagem e sabemos o quanto gostas disto. Aceitas?

- Sim! - Sorri.

O grupo de homens e Irin-Magé afastam-se.

Irin-Magé no centro do círculo é obrigado a pular três fogueiras.



Na terra-sem-mal, Juremá os contempla:

- Por que isso, Mestre?

- Talvez seja um plano dos homens para impedir que Irin-Magé continue com suas transformações.

Na segunda tentativa, seu corpo é consumido pelas chamas.

Da sua cabeça, um estrondo: o trovão

Das faíscas do fogo, uma luz forte: os raios

Tupã é acordado.



Jurema fica boquiaberta:

- Nossa, nunca imaginei que isso tinha que ser assim.

- É, Jurema, quem quer ter o controle demais é enganado por seus próprios desejos.

- E agora? Quem cuida de tudo?

- Os descendentes de Maíra e de Sumé, representados respectivamente, por Tamanduaré e por Guaricuité, irmãos gêmeos, de naturezas opostas, que vão continuar guerreando entre si. Da batida forte do pé de Tamanduaré no chão, um buraco, muita água, um novo dilúvio consumiu a terra por inteira.

Jurema olha para onde estavam, tudo começa a ser inundado:

- Que desesperador!

- (C)alme, Jurema. Olhe para os irmãos.

Tamanduaré e Guaricuité resgatam o fogo do corpo de uma preguiça. Do terreno aquoso, o cultivo de plantas demorou um pouco mais para desenvolver-se.

- Do Tamanduaré, que se transformou em tamanduá, descendem os Tupinambás. Do Guaricuité, os Tobajaras. Até hoje são tribos

inimigas. A humanidade surge entre Tupinambás e Tobajaras, que se multiplicaram. Suas gerações foram conhecendo seus saberes ancestrais, enaltecendo seu poder do um, unidade plural. Na verdade, Juremá, nós somos seus descendentes.

- Uau! Somos descendentes dos Tupinambás!

- Sim, Juremá. Lembra da ideia de nomear que referiste antes? No princípio era palavra. Assim, o exercício de nomear o mundo era na palavra, fundamento da vida, princípio de todas as coisas. E isto é fundamental que contemplemos na tua vivência até aqui, disparar e despertar o que te afeta, principalmente, com o conflito com teu nome, de Jurema a Juremá...

- Isto ainda não compreendo.

- Nomear reverbera na comunidade, não diz apenas de um indivíduo, mas toma corpo e espírito, por isso a importância dos ritos e das solenidades, porque só se é alguém quando todos somos, enaltecendo e fortalecendo o elo primevo que nos unia.

- Sim, Mestre, o elo individual e coletivo...

- É essa também a ideia de te aproximar do que te acontece a partir de teu nome Juremá, no contato com tua ancestralidade. Estamos chegando próximos a uma tribo, descendentes dos tupinambás, que habitava a região litoral deste país...

- Quanta riqueza neste lugar! Que imensidão verde!

- Sim, querida, a ideia é que cuidemos da terra, pois estamos aqui apenas de passagem. E deste toque cuidadoso com a natureza, fizemos resplandecer formas de organização sócio-política, cosmológica, ritos, musicalidade, agricultura, arte, língua, mitologia, religião, valores, imagens, sentidos. A cultura e a mitologia resplandecem na oralidade da palavra, entoadas pelos tempos por nossos ancestrais.

- A tradição oral dos tempos imemoriais! É por esta via que também vivencio toda esta aproximação, grata por cada palavra, Mestre. Estou ansiosa para conhecer esta tribo!



Pajé e Jurema aproximam-se de uma aldeia entre mata e rios, olham para o céu:

- Estás vendo o sol? Neste lugar, ele sempre dá uma volta a mais pela Terra, tendo em seus raios da manhã o encontro com a testa de uma cabocla, que está a contemplar a beleza dos mesmos. Seu nome é Jurema.

- Uau! A cabocla Jurema da música que vivi em tua tribo, Pajé?

- Exatamente, ela saltou de uma árvore e com sua leveza natural parece estar voando pelos galhos na mata virgem, guiada pelos pássaros, entra nos rios, nada e canta com os botos. Consegues ouvir a música e compreender uma a uma de suas palavras?

Ao tom de Cabocla,
o seu penacho é verde,
É da cor do mar.
É a cor da Cabocla Jurema².

- As cores de Jurema... - contempla Juremá.

- Sua voz suave, com as vibrações da água e na sintonia dos botos, a melodia torna-se sua companheira harmônica. Aquele ali é o pai da cabocla, Tupinambá é seu nome.

Tupinambá ouve um choro, é um bebê chorando ao pé da árvore.

- Que bebê é esse, Pajé?

- É a Jurema, ela foi encontrada ao pé desta árvore. Ela cresceu no seio de sua comunidade, desenvolvendo habilidades bem diferentes das mulheres da tribo.

- Como assim? Ela não auxiliava também no cultivo das plantas e na tecedura dos cestos?

- Sim, mas o que mais gostava era de guerrear. Já ouviu falar das Icamiabas?

- Não, quem são?

- O tempo em que as mulheres eram mais fortes e determinadas que os homens, as mulheres guerreiras da tribo.

- Como pode isso, Mestre?

- Com a chegada de Kaxi, filha da vitória-régia, nasceu também o espírito de mudança. Ao ver que suas irmãs, mulheres, passavam por violências dos homens, resolveu aprender a arte da guerra com arco e flecha, controlando seus medos. Assim, fez uma armadilha aos homens e tornou-os seus escravos. As mulheres começaram a tomar conta da aldeia.

- Jurema sabia da existência desta tribo?

- Não se sabe bem ao certo. Mas seu ímpeto de guerra, sua agilidade e força nasceram com ela e foi desenvolvendo-os durante sua juventude, o que trouxe uma maior aceitação da tribo para com ela. Diferente com o que aconteceu com as Icamiabas que não eram bem-quisitas pela sua tribo.

- Sim, mas Kaxi trouxe possibilidades nunca antes pensadas pelas mulheres. Talvez Jurema possa ter se conectado com elas, de alguma maneira...

- Talvez... Jurema era exploradora da mata, conhecendo os seus segredos, ela era também mata, a mata era também Jurema.

Pajé e Juremá veem a agilidade de Jurema na mata e pedem um tempo para conversar à beira do rio:

- Oi Jurema, podes vir aqui?

- Sim, só um minuto, vou avisar os botos que vou demorar alguns minutos por aqui. - Jurema se afasta e minutos depois senta com eles - Pois bem. Quem são vocês?

- Prazer, eu sou Juremá e este é meu Mestre Pajé.

- Que bom ter vocês por aqui. Mas o que os trazem?

- Viemos conhecer um pouco de tua história, sabemos que tu foste encontrada perto de uma árvore e conhecemos tua agilidade em guerrear, como defines tua vida? - indaga, Juremá.

- Difícil esta pergunta... Mas sempre achei que nada poderia me afligir nesta vida, sempre busquei empenhar-me em tudo quanto podia para auxiliar minha tribo, aos animais e a natureza, desde defender-me do veneno da cascavel até o canto dos botos. Contudo, não é que encontrei o amor?

- Mas isto é ruim, Jurema?

- Acredito que não, pois foi o amor que me modificou por inteira, fui ser outra, outra Jurema que jamais conhecera antes!

- Conte-me mais! - Juremá alegre-se.

- Em um belo dia, conheci Huascar da tribo Filho do Sol, ele era inimigo de guerra da minha comunidade, e estava preso em uma de nossas ocas. Senti-me cativada pela sensibilidade e delicadeza com que nos olhávamos e conversávamos. Algo em mim acendeu, dizem que é uma tal de chama como o fogo, sabem?

- Acender o fogo dentro?

- Isso, eu aprendi o que era sentir amor e vivê-lo intensamente, e sentia-me amada. O sublime do amor era estar perto ao mesmo tempo longe, era fogo que ardia sem se ver.

- O amor é melhor contemplado pela poesia, sensível é a tonalidade dele em sua boca.

Entre a conversa, surge uma voz mais grave, suavizada por sua harmonização:

- Oh doce Cabocla, meu doce de cambucá, tira-me destas algemas e vamos viver esse amor juntos, construir uma família, sermos companheiros de alma!

Ao que Jurema responde:

- Oh meu querido, este (en)cantamento parece ser de outras vidas!

Entre Jurema e sua intuição: a fé no saber do coração, decidiu que era este o caminho.

- Preciso organizar-me para esta fuga com Huascar, é o único inimigo capturado vivo da tribo, acredito sim que tenho que libertá-lo, mas com um plano muito bem elaborado. Ou se não, serei expulsa daqui.

Juremá, de longe, grita:

- Cuida-te, Jurema! Boa sorte!

- Obrigada querida.



No toque fugidio, Jurema e Huascar saem correndo e a tribo os persegue, chuva de flechas acalantavam o caminho do caboclo, mas foi uma flecha que atingiu gravemente Jurema.

A cabocla tomada pelo amor evitou a morte de seu amado e caiu ao chão, com a marca em seu peito.



Juremá e Pajé presenciam a cena, ao que a menina espanta-se:

- Não acredito, Pajé! Jurema morreu por amor! Quanto amor precisa de morte! Quanta morte em nome do amor!

- Ah, Juremá... da morte, a vida, o amor...

- Para onde Huascar está indo?

- Ele voltou a Terra do Sol, fundou um império e ergueu um templo só para as mulheres, que aprenderiam a ser guerreiras como a sua amada Jurema.

- Que bela homenagem! Olha! Entre a terra e o corpo de Jurema, um broto!

- Sim, muito resistente que se põe a florir o ano inteiro, tendo no amarelo-alaranjado um toque intenso e exótico. Desde a semente, até seu caule, galhos e folhas, a planta possibilita a hibridez e dinamicidade de Jurema nas comunidades, inclusive hoje em dia, em tempo de mundo branco.

- Jurema apresenta um princípio xenofílico, Mestre?

- Sim, um princípio do amor ou estima ao desconhecido, assimila e abarca o outro.

- Uau! Veja, Pajé - Juremá aponta para a flor - É amarela como o Sol!

- Mais conhecida como Girassol, minha querida.

- Minha avó sempre me chamou de girassol! Olha que magnífica sincronia.

- Ou tua avó sempre soube disso tudo, mas era importante que tu a vivesse. A ancestralidade, mais uma vez, ressoando em tua vida.

- Uau! - Mais uma vez, boquiaberta - Ela falou-me que eu poderia encontrar o caminho!

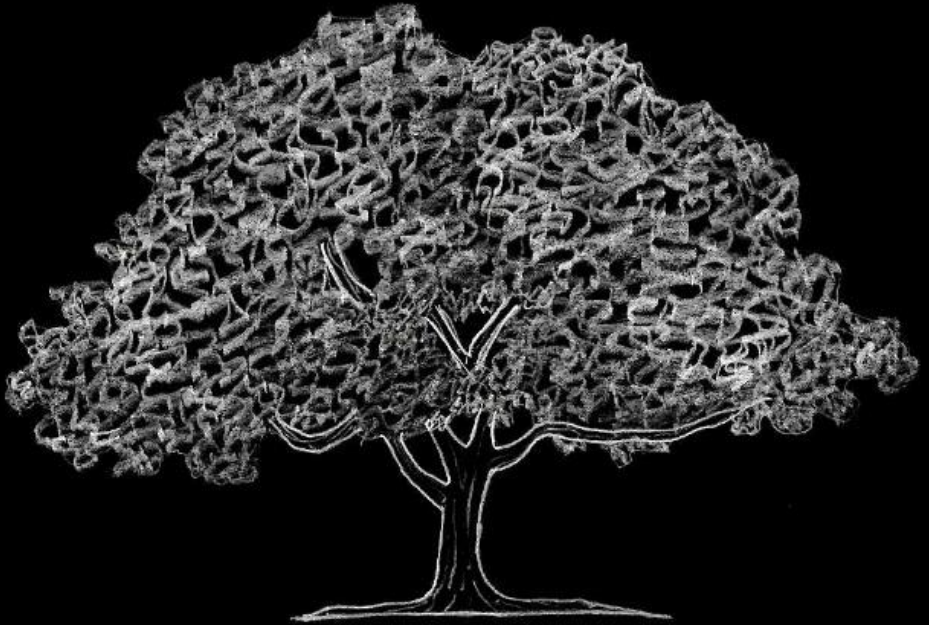
Pajé aproxima-se de Juremá e aponta para o céu:

- E lembres, Juremá, na comunidade em que Gira o Sol, Jurema está.



Juremá e Pajé continuam sua caminhada pelos tempos e presenciam rituais em volta de uma árvore, com maracás, dança circular, bebida e fumaça, tendo na canção a união destes elementos.

- Que belo ritual! Que planta é esta?



- A árvore de Jurema!

- Mestre, que lindo isso! Significa que os povos continuaram lembrando de Jurema?

- O ritual é a maneira que encontraram para continuar cultuando-a, conscientizando-se dos segredos de Jurema. Seu nome científico hoje é *Mimosa Hostilis*. Ela permite o encontro com deuses, com o inconsciente coletivo que nos une como um rizoma.

- Quantos segredos juremeiros!

- Sim, minha querida. Ela foi muito usada em guerras e ritos de passagem, é planta da caatinga e tem papel importante para o ecossistema semi-árido, principalmente, em época de estiagem.

- Por que, Pajé? Jurema tem reserva de água?

- Isso mesmo, apenas ela e o cacto conseguem obter reservas de águas e permanecem nas suas cores verdes durante o ano todo.

Jurema toca na árvore:

- Mas esta casca é muito seca! Como pode isso?

- Justamente esta casca que permite que seu líquido fique aquoso por tanto tempo. Se há muita chuva, sua casca pode cair, e a árvore se renova.

- Quanta história de Jurema! Isso parece outro mundo pra mim, Mestre.

- E, na verdade, também nos pertence, é tão real quanto o que tu vives. Através deste ritual, Juremá, podemos nos encontrar com ancestrais, como tu está vivenciando agora, lembra da fumaça que estamos inspirando e expirando juntos?

Jurema inspira e expira, o encontro com o ar e sua fumaça, ao que encontra o ritmo da respiração do Pajé, que lhe diz:

- Os Pajés, com este ritual, conseguem ter contato com sonhos adivinhatórios, visões do passado e do futuro.



A vida de Jurema vivida para os lados

- Tu consegues, Pajé, ver alguma coisa?

Pajé sente o cheiro, dança com a música em volta da árvore, coloca a mão nela e seu corpo entra em desespero:

- Infelizmente, sim, não são bons ventos que nos acompanharão agora. Vejo morte.

- Como assim? O que está acontecendo? E o ritual de Jurema como fica?

- Vejo fantasmas! Chegamos em 1500, quando começamos a existir para a civilização ocidental, europeia.

- Lembro bem disso, Pajé, nas minhas aulas de história. Era tempo de colonização, não é?

- Melhor dizendo, Juremá, invasão. O começo do povo brasileiro é o começo do fim da alma ancestral da terra. Algo inicia e algo é extinto. O País da Cocanha deixa de existir.

- Mestre, não consigo compreender. Fizemos muitas trocas!

- Juremá, contemple a entrada dos fantasmas nesta terra. As nossas raízes e memória são forçosamente relegadas ao esquecimento. Obrigaram os índios a rodearem as árvores antes de cortá-las. Foi assim com a retirada do pau-brasil.

- A árvore que nos dá nome?

- É, não por acaso foi o primeiro extrativismo por aqui. Isto também foi uma das formas para que se reconhecessem pecadores, e admitissem arrependimento, possibilitando o tingimento de sua essência.

- Tingir?

- É como afetar a essência, esta é a origem da palavra batismo, *baptizein*.

- Alma ao ser batizada, é alterada. Isso me faz pensar no contato com a morte, Mestre.

Juremá grita de dor e chora:

- É como cortar o fio da alma da terra, o meu corte!

Pajé abraça-a.

- É... - continua Pajé - entre a cruz e a espada, arranca-se do solo o que nos permitiu ser natureza, a unidade plural.

Juremá acomoda as lágrimas em seu rosto e pergunta:

- A cruz te referes a Igreja Católica? E a espada à violência empregada pelos portugueses?

- Entre a cruz e a espada, a opção não existe, não é mesmo? A primeira missa que realizaram por aqui, a cruz que soterra a alma, de um lado, as armas, de outro. Juremá, guarde isso, nem sempre há o mocinho e o vilão nas histórias, ambos somos.

Juremá dá um respiro profundo e fica a observar, de longe, a chegada dos fantasmas.

- No ideário mítico deles, a vivência do pecado no paraíso tem lugar, ao não reconhecerem que esta terra pertencia a 10 milhões de índios que aqui viviam, apropriam-se de uma história que não era deles - dirige-lhe a palavra, o Pajé.

- Apropriar-se no sentido de tornar como seu algo que não é?

- Isso. O próprio termo colonizar contempla o instalar-se em terra nova, mas o que se faz quando já está habitada? A violência e exploração tomam corpo no colonizador. Aí cabe olharmos para as versões da história, para não fecharmo-nos em uma história única, que fere a dignidade de todo um povo.

- Mestre, nunca tinha pensado nesta perspectiva.



- Olhe para este fantasma de túnica, que chegou em 1548, após a demarcação das terras pelos portugueses.

- Veja! Ele não tem sombra, mesmo com este dia de sol. Onde está? Está nos índios, considerados pecadores e sem alma, o que permitiu a sua aculturação.

- Aculturar? No sentido de menosprezar sua cultura ou até extingui-la?

- É, modificaram substancialmente a cultura, a mitologia e a espiritualidade cultuada por estas terras, a partir da conquista, conversão e escravização indígena. Não reconhecendo que ao fazerem isso, estavam fazendo mal a si mesmos. Sabes os ornamentos de penas que os índios usam na cabeça, como o teu penacho?

- Sim, o que tem eles, Mestre?

- Os fantasmas exigiram seu abandono, pra mim isto é falta de musicalidade. Tente, por um instante, escutar o caminhar fantasmagórico...

Juremá e Pajé ficam em silêncio, tentam escutar alguma melodia...

- Juremá, os fantasmas como donos da razão e os fantasmas de túnica míopes e niilistas deveriam fazer mais músicas, não achas?

- É verdade... o corpo e a sensualidade por aqui não têm vez.

- Sim, também pregaram Dioniso na cruz, difícil foi ver algo que sobreviveu a ela.



Entre as cruzes, estão Pajé e Juremá. Juremá corre para a mata:

- Vem comigo, Mestre. Me diga e o ritual de Jurema?

- Onde gira o sol...

- Jurema está! Então, ela perpetuou-se mesmo nesta época?

- De início, os portugueses aceitaram-na, até porque seu interesse era na conquista de terras, disputando com franceses e holandeses. Assim, conseguiu ir expandindo-se nos séculos XVII e XVIII, silenciosa e secretamente enquanto prática étnica indígena. Só que os portugueses começaram a querer documentá-la, e seu uso foi proibido, prendendo ou matando os juremeiros como uma tentativa de dominação política, econômica e cultural.

- Coitados... Como que conseguiram resistir no ritual?

- Houve a necessidade da retirada do tambor, e os participantes tiveram que ficar agachados ou ajoelhados no meio da mata, tocando, quando possível, o maracá.

- Ao mesmo tempo, a proibição fortalece de alguma maneira esse rito, não é?

- Sim, através da dinamicidade de Jurema, ela se transmuta. Neste momento como elemento ritual de resistência armada indígena.

- A pluralidade de Jurema! - Juremá sorri.

- Isso, ao estar aberta ao outro, mais tarde, Olorum, da nação Iorubá africana, veio fazer parte integrante, miscigenando-se com o que restou da alma ameríndia.

- Quem é Olorum, Mestre? O ser supremo?

- Isso mesmo Juremá, Olorum deu forma às suas emanções, e cada uma compunha um lado feminino e outro masculino. Daí que surgem os Orixás de vestimenta preta, ao seu lado esquerdo, responsáveis pela absorção da energia; e ao seu lado direito, de vestes brancas, os Eborás, que refletem a energia.

- Mas e o Axé?

- É, algum acreditam que existiram, e são o poder de realização. Aproxima-nos da raiz do preto, de um sentido de realidade psíquica, tornando-nos mais preto que o preto.

- Uau! Esta parece ser algo necessária para a mudança, principalmente, para nós que ficamos em terra, não é? E qual foi o primeiro ato de Olorun?

- Não escutas? Ele está nos chamando em sua terra musicada, vamos lá e aproveite para perguntá-lo.



Pajé e Juremá partem para jornada do outro lado do Oceano Atlântico.

- Quanta escuridão por aqui. - Juremá vai tateando o terreno - é ele o início de tudo.

Sentem a presença de alguém.

- Olorun! É você?

- Sejam bem-vindos a meu mundo! Que ventos os mobilizam até aqui?

- Apresento-me sou Juremá e este..

- O Pajé, grande amigo, quanto tempo!

Abraçam-se. Juremá sorri e questiona:

- Fico grata pelas palavras, Olorun. Estou curiosa com tua história...

- No princípio de tudo, como vês...

- O escuro..

- Não como ausência de luz, mas uma cor que compõe o cosmos...

Jurema observa ao redor.

- Decidi, então, criar emanções de mim, e a primeira foi Exu, o transformador e comunicador, mas alguns dizem que criei Obatalá ou Oxalá, que é ele o Sol em meio a escuridão.

- E o Senhor não fica chateado por essas várias versões de tua história?

- Sabe que não, querida, aprendi a conviver com elas, fico feliz que dessas terras de onde vens ainda soa este interesse. Olhe para cima, Juremá! Criei os nove céus, vamos pra lá, que me sinto em casa.

Olorum, Pajé e Juremá sobem aos céus.

- Sintam-se à vontade, podem sentar-se. Recomeço no ponto em que fui conversar com Oxalá e concordamos em criar um mundo na terra.

- Assim, sem consultar ninguém mais?

- Boa pontuação, menina. Fui conversar com Orunmilá, que foi ao oráculo Ifá e me disse que a criação seria uma boa alternativa, mas me recomenda que Oxalá leve algumas sementes, terra, corrente e um caracol. E eu decido entrega-lo mais uma galinha de cinco dedos em cada pé, um pombo e uma sacola com Axé, a realização, e Abá, a vontade.

- Quanta coisa, Olorum! E Oxalá conseguiu levar tudo isso?

- Ele está ali em direção, acredito, ao portão do céu, não queres acompanhá-lo?

- Gostaria muito! Obrigada! Vamos, Pajé?

Ambos apressam o passo para chegar até Oxalá.

- Ei Oxalá nos espere! - pede o Pajé - Queremos acompanhá-lo em tua trajetória.

- Venham! Só peço que observem mais do que perguntem, sim?

Balançam a cabeça afirmativamente.



No caminho, encontram Exu, que lhe indaga:

- Oxalá, você não vai fazer a oferenda?

Oxalá apenas o vê e não responde nada. Juremá não entende:

- Oxalá por que não respondeste?

- Aquele ali só passa no caminho para me desviar dele, conheço suas artimanhas.

Ao chegarem na porta, não há corrente, mas um pilar que une o céu e o pântano, começam a descer. Oxalá surpreende-se:

- Nossa, estou ficando cada vez mais com sede, acho que não consigo chegar lá embaixo sem beber algo.

Oxalá olha ao redor, encontra um vinho de palma e adormece. Juremá e Pajé ficam desesperados:

- E agora, Mestre? Será que isto foi truque de Exu?

- Pode ser mesmo.

Pelo pilar desce Oduduwa, sabendo que Oxalá era o responsável pela criação, tenta entender o que havia ocorrido naquele momento:

- O que há de ter acontecido com ele?

- Orixá, ele bebeu vinho, olha! - diz Juremá.

- Querida, ela não te escutas - avisa-lhe o Pajé.

Oduduwa vê o vinho em suas mãos, pega a sacola mágica e sobe de volta aos céus. Juremá e Pajé a seguem.

- Olorum! Oxalá está embriagado não conseguiu descer para fazer a tarefa que lhe foi atribuída.

- Então, por favor, faça tu mesmo, és tão inteligente quanto ele. Não esqueça dos objetos que deve levar consigo.



Oduduwa desce. Juremá e Pajé também. Seus primeiros movimentos são de colocar a terra no pântano, e então as galinhas e o pombo, retornando aos céus.

Oxalá acorda, Pajé escuta seu espreguiçar alto e chama sua pupila para a descida.

- Como pode isso ter acontecido? A terra já foi criada! Como posso ter bebido? Nunca me arrependi tanto.

- Acalme-se Oxalá - diz Juremá - talvez se tu te explicares para Olorum, ele entenderá.

- É verdade, vou já fazer isso.

Nos nove céus.

- Olorum, perdoe-me, estou muito arrependido com o que fiz - afirma, com delicadeza, Oxalá.

- Fique tranquilo, não carregues esta culpa, eu te perdoo. Fico pensando que talvez fosse interessante que tu crie alguns seres para povoar a terra, o que achas?

- Nossa, pra mim será uma honra.

- Então, dou-te um pouco de minha sabedoria e um pouco do meu potencial para tua criação. Boa sorte!

Despedem-se.

Oxalá desce a terra com seus acompanhantes.

A partir do barro, cria bonecos, dando-lhes a vida.

- Quanta destreza, Oxalá. É do barro que viemos?

- Humus - refere Pajé.



Retorno aos céus.

Oxalá entra pisando forte no mundo dos céus, encontra Oduduwa e exalta-se:

- Eu sou o grande responsável pela criação!

- óbvio que não, sou eu a grande responsável!

- Parem de brigar! - Juremá tenta separá-los, mas não consegue.

Os gritos começam a ressoar até os ouvidos de Olorum, que resolve conversar com Orunmilá para acharem uma solução.

- Compreendo, ó Grande Ser Supremo, que seria interessante que Oxalá sente a tua direita e Oduduwa à tua esquerda e, assim, poderão discutir eternamente sobre a criação e importância da função dos dois.

- Boa ideia. Mesmo que saibamos a relevância dos dois. Enquanto Oduduwa deu a forma a Terra, Oxalá deu a vida, com sua energia expansiva.

- Sim, mas se eles entrarem nesse consenso entre eles será melhor.

Juremá bate à porta.

- Com licença, gostaria de saber como fica a relação dos Orixás com a terra? Vocês vão lá visitar-nos?

- Querida - Diz Olorum - A terra é povoada e chefiada por região e por entidade. Ao nadar no mar, poderá sentir a presença de Iemanjá; ao encontrar com cachoeiras, Oxum pode estar por lá; Nas florestas podes ver Oxossi; Xangô, nosso guerreiro, adora pedras e Iansã gosta das intensidades do vento, tempestades e raios. Não te preocupes, estaremos em contato mais vezes do que imaginas.

- Ah que bom ouvir isso, Olorum. A terra é um espelho do céu, nove céus e nove reinos. Até breve!

- Querida - chama-a o Pajé - precisamos descer está na hora da partida dos navios a nossa terra, aproveitemos a carona!



Ambos descem e conseguem embarcar nos navios lotados de pessoas, celas e grades. Juremá fica surpreendida com as condições degradantes que encontra:

- Neste sol impiedoso, as pessoas estão todas amontoadas, não estou entendendo, Pajé. Por que? A que serve isto?

- A pedido dos portugueses, estão querendo mão de obra lá pelas nossas bandas, vieram buscar os africanos.

- Quantas atrocidades! Violentamente tiraram-nos de suas terras!

- A transmigração de uma cultura de um mundo, de um continente para o outro.

- Mas nem parece que falam a mesma língua por aqui... Boa tarde, moça você pode falar um pouco?

- Sim... o que fazem neste navio? Vocês não são de nossas terras...

- Estávamos querendo conhecer um pouco de vocês, estou querendo curar-me do corte, da minha ferida. Podes contar um pouco da onde vens? Tua história? - pede-lhe, Juremá.

- Sempre estive por aqui, achava que vocês já teriam apreendido esta parte da história...

- Estou tentando resgatar um pouco do que perdemos, esta história também me pertence.

A africana faz um sinal positivo com a cabeça, neste mesmo movimento, é hora de zarpar. Chegaram ao Brasil.



- Chegamos. Como vocês podem ver, milhares de nós com culturas distintas fomos obrigados a nos unificar por estarmos em um mesmo território, o que contribuiu com a perda da nossa imagem e o nosso exílio, em todas as nossas dimensões.

- Quando falas das perdas, refere-te também aos quatro séculos de escravidão?

- Sim, ela está no corpo, no sangue, em nossas veias, contribui para que hoje tenhamos dificuldade de nos reconhecermos como quilombolas. As invisibilidades estão na raiz da perda de identidade.

- Como assim?

- Como ter identidade se não temos referências do nosso passado?

- Entendo, mas o quilombo ainda hoje traz esta raiz primeira, não é?

Pajé, Juremá e africana entram em um quilombo.

- É verdade, cada indivíduo é o quilombo, que é memória pra nação - a voz da africana ecoa.

- Que interessante olhar - diz Juremá.

- O fundamento do quilombo é a terra, em pleno século XVII, ao migrar, precisávamos dar um limite de terra ao nosso povo:

Onde eu estou,

eu estou,

Onde estou,

eu sou.

- Muito inspirador! A importância da terra para a cultura de vocês era muito forte, como vocês fizeram esta ligação em terra nova?

- Ao cultivarmos o reprimido na forma de religare, re-conexão afro-brasileira, entendes? Ao preservarmos nossa cultura, nossa terra, o grito primordial. Pois Nanã, ainda não encontrou seu par, veio conosco apenas no nosso coração.

Juremá surpreende-se, nos meandros do quilombo, vozes harmoniosas reverberam delicadamente no encontro, os três tiram os sapatos, energizam-se com a terra, começam a dançar com a melodia e a dança lhes dança, à luz do luar:

SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê
SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê
SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê

O que peço no momento é silêncio e atenção
Quero contar sofrimento que passamos sem razão
O meu lamento se criou na escravidão que forçado passei
Eu chorei sofri as duras dores da humilhação
Mas ganhei pois eu trazia nanã e no coração

SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê
SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê
SOU DE NANÃ Ê UÁ Ê UÁ Ê UÁ Ê³

- Juremá, temos a necessidade de ORI, um novo encontro entre e com os tempos. Como podemos fazer isso?

- É uma boa pergunta. - Juremá reflete - Pajé tens alguma ideia?

- Minha querida, consagre em teu ventre, as imagens que compusemos até aqui, a ancestralidade de Jurema encontrou lugar na religiosidade popular, miscigenando-se também com os ritos africanos, o que lhe permitiu maior força de resistência à escravidão. Sabes que Jurema hoje está presente tanto na Umbanda, como cabocla, quanto no Candomblé, como Orixá, única plenamente brasileira, dona da terra.

- Mestre! Jurema, com seu caráter guerreiro e marginal, pode unir diferentes povos na proteção da memória ancestral, não?

Escuridão.

Arco-íris do escuro.



Pajé toca sua mão em Jurema e pede seu retorno.

- Volte, Jurema.

- Querido! - abraça-o calorosamente.

- Achei importante poder contar-lhe esta história oralmente, sem a pretensão de que guardasse exatamente as palavras que lhe

contei, se não pediria-lhe para anotar e escrever. Acredito que mais interessante é trazer-lhe a memória coletiva acerca de Jurema, experiência viva da alma ancestral, que lhe auxilia na construção de sua identidade, repensando tua vida no presente, integrando o sentido de comunidade. A tradição oral do (en)canto de Jurema precisa ser revivida. Este é teu segredo, Juremá.

Jurema espanta-se:

- A alma ancestral de Jurema reconstrói meu presente! Eu também sou colonizada!

Começa a ressoar uma melodia, entre vozes masculinas e femininas, o barulho dos maracás e chocalhos:

Vou bebe minha jurema - dê no qui dé
e num paro mais - dê no qui dé
ô que mé, meu Deus - dê no qui dé.
aqui mesmo eu bebo
aqui mesmo eu caio⁴.

Pajé oferece-lhe uma bebida escura:

- Juremá, este é o vinho proveniente de tuas raízes, chama-se ajucá, beba sim?

Jurema olha atentamente ao Pajé,

Aceita e bebe,

- Que amargor, Mestre!

- Desenvolveste agora a sensibilidade para sentir este sabor, querida. Estás em contato comigo, com os ancestrais, com a comunidade. Seja bem-vinda, Juremá, Mimosa Hostilis.

Jurema está com olhos entreabertos, seu corpo vai adormecendo. Cai em sono profundo,

Pro fundo,

Fundo.



Escuta ao fundo a batida do tambor, ressoando uma palavra que vibra nas paredes a seu entorno:

Ubuntu, Ubuntu, Ubuntu

Jurema contempla a melodia e começa a cantar:

- Ubuntu, Ubuntu, Ubuntu, Sou o que sou porque nós somos. Esta é a palavra fundadora! A unidade que fecunda os elementos diversos da minha pluralidade Jurema:

Sou Jurema porque nós somos!

Há luz no ventre de Jurema, lados direito e esquerdo.

- O que é isso? Pajé, ainda escutas?

Jurema olha ao seu redor:

Terra preta entre paredes,

Paredes de terra preta.

Começa a tateá-las com pés e mãos.

É no artesanal, com a fertilidade da terra, conecta-se com a terra aos seus pés. De seu ventre, a descida de partículas bem pequenas ao chão.

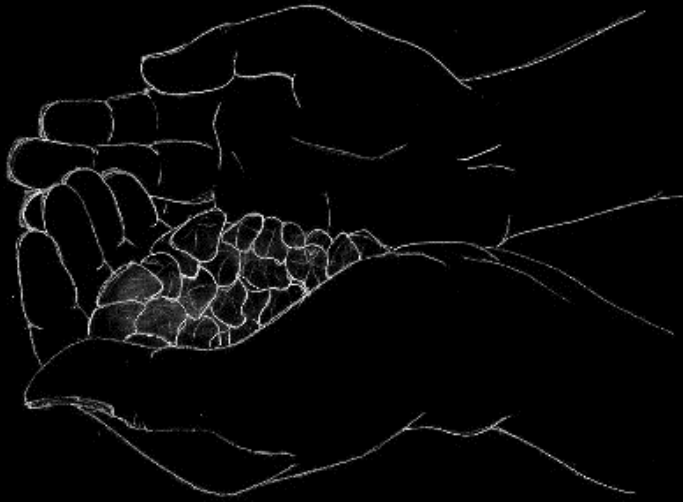
- Sementes? Eu tenho sementes? Eu também gero vida?

Jurema pega-as calmamente e inspira profundamente.

- As paredes do Brasil como paredes de um útero. Luz nos meus ovários e a dor se esvai. Então é verdade que a dor indica o caminho, semelhante cura semelhante, semente cura semente! Preciso levar essas sementes comigo!

Jurema guarda sementes em suas mãos fechadas e começa a cantar a elas:

- Ubuntu, Ubuntu, Ubuntu...



Raízes surgem por cima da oca e convidam Jurema a ir junto. Jurema sobe e é contemplada por entre as raízes, que a levam até um caule, abre a porta e sai de uma árvore!

Sim, uma árvore em cima de uma pedra.

Da pedra Breu-Branco do Eremita que viva guardava vida.

Da lágrima de Jurema, o broto na pedra,
Do cultivo em ritual, a árvore!

Jurema balbucia:

- O caminho para cima é o mesmo caminho para baixo! Quanto amor semeado!



- Senti teu amor, Juremá.

Jurema escuta a voz falante, olha para os lados, não encontra.

Recebe um toque no seu rosto pelas raízes que lhe trouxeram, e aos poucos ergue a cabeça em direção a dona destas raízes, a árvore!

- Você fala? Da onde és? De onde vens? Antes de tudo, posso sentar-me perto de ti na companhia de tua kaáguira?

- Sim, minha Mimosa, a minha sombra é a tua sombra. Prazer, eu sou Jurema-preta, tua ancestral. Nasci do encontro entre água e pedra, pois teu afeto afetou-me!

- Que bela árvore você é! E a senhora sabe me dizer algo sobre essas sementes?

- As sementes são tua nova realidade! Descobriste tuas raízes, estiveste em contato com nossos ancestrais culturais. Os humanos de quem teu corpo herdou os tecidos!

- Quer dizer, então, que sou feita de pequena gente? Há pessoas em mim?

- Sim, Mimosa, elas carregam nosso destino e foram elas que te chamaram e exigiram que vivesse esta aventura, por não sentirem amparo sob à luz o domínio maciço da vivência literal da ampulheta.

- Nossa! Elas me desdobraram direitinho! Quando poderei vê-las de novo?

- Que possamos continuar cultivando-as em nós, deixando-as agir em nossas profundezas com sua autonomia, discernindo-as. Mas não devemos colonizá-las, pois andamos fazendo isso há muito tempo, principalmente, nas nossas atividades de luz diárias em reino-cinza, como tu mesma percebeste em tuas profundezas.

- Sim, mas tu dizes que lá na cidade-brasil isso ainda se perpetua?

- Confiamos apenas a nós o melhor ao outro, não te recordas, Juremá? Ao despotencializarmos o saber primitivo, inferiorizamos-o. Tanto os jesuítas como os índios do nosso drama original ainda vivem em nós.

- Sim, pois, na verdade, todos temos esta imagem do homem primitivo viva em nós, no rizoma, talvez como essência do que nós somos. O que, de alguma forma, nos permite reconhecer que a alma brasileira é que nos tem, com sua hibridez e seu aspecto tigrado.

- Isto mesmo, Juremá, dizes da miscigenação que aconteceu por aqui, né? Um encontro de

raças, mas que ainda assim fortalece a branquitude, os traços de identidade racial do branco, o que corroborou para o processo de embraquecimento, principalmente, após a abolição, ao menos formal, da escravidão.

- Nossa, é verdade, é o que mais vejo lá no mundo branco de onde eu venho.

- Podemos dizer, minha Mimosa, que o povo brasileiro é filho mestiço e bastardo, destituído de história e identidade, por não conhecer sua origem: BRASILIS. Seu pai, um português, sua mãe, uma cabocla que o gestou em seu ventre: entre o mito de Prometeu - ordem e progresso - e a feminilidade da terra - o amor.

- Mas por que nos afastamos tanto desta feminilidade brasileira?

- Esse é um dos motivos de tua aventura. A formação da alma brasileira é um processo. Onde gira o sol...

- Jurema está! É tempo de convivência harmônica entre estes saberes colonizador-colonizado em mim, pois um não vive sem o outro.

Jurema energiza-se e, aos poucos, seus pensamentos, em contato com o mundo branco, ressurgem em sua boca:

- Isso parece difícil no mundo de lá, não por acaso que fiquei doente em contato com o espírito da época.

- Sim, minha filha, e é importante que saibas que esta experiência pode ser considerada doentia ou louca onde vives, porque as pessoas não entendem o seu sentido arquetípico.

- Arquetípico? Que palavra difícil.

- Sinta o que reluz em ti neste encontro, entraste em contato com nossa alma ancestral multicolorida e tigrada, resgatando as tuas raízes, teu mito, tua base cultural. Há várias Juremas e todas estão em mim, assim como tu, eu sou sua psique.

- Significa, Jurema-preta, que eu te tenho?

- Na verdade, tu és alma. Eu que te tenho, se estiveres em contato comigo, perceberás tuas relações, vícios, virtudes e a minha realidade.

- Como poderei conectar-me contigo? Preciso de luz para te encontrar, não?

- Lembre-se quanto mais luz, mais escuridão. Eu sou mais escuridão do que luz, Juremá. A pretensão não é ir atrás da luz, mas saber como te relacionar com a escuridão, como fizeste hoje, dando sentido a tua existência.

- Então não posso levar este candeeiro comigo?

- A escuridão nunca é a mesma, minha filha. De nada adiantará levares esta luz, aos poucos

ela se apagará, pois já cumpriu sua missão, surgiu apenas para o encontro de hoje. Lembres, estamos em constante mudança, nunca estamos terminadas.



Surge a cobra dos galhos de psique, Jurema-preta.

- Olha a cobra, Jurema-Preta. Cuida-te ela está perpassando por entre teus galhos...

- Não te preocupes, Mimosa, ela me protege espiritualmente, enquanto alma de Jurema, estou bem protegida com ela em mim, sei que também ela aproveita dos alimentos e dos meus espinhos, sou também proteção.

- OROBORO! A Cobra! Agora entendi.. A vida vivida de trás pra frente e de frente pra trás, e de um lado para o outro, sempre OROBORO, isso é a vida, a psique, és tu! Tu também és cobra, Jurema-preta, te dobra e te desdobra!

- Sou cobra, sou árvore, sou Juremas. Ao mesmo tempo que me estruturo no contato com a minha semente, que encontre lá embaixo, é ela meu telos e minha limitação, também constituo-me na diversidade de minha natureza, tu me encontras na nudeza das coisas, estou em toda a parte, anima mundi.

- As coisas são nuas? Esta ideia aproxima-me de certa perspectiva sobre a arte da jardinagem.

- Sim, Mimosa Hostilis, os olhos para ver, contemplar o todo e os pés para atravessar vivenciando o caminho. És tu poesia imanente do imaginário brasileiro.

- Imanente?

- És tu, querida, condição de possibilidade de vida no mundo. Nua, crua, assim como a beleza é inerente ao mundo. Ela está em quem olha, no objeto e em sua interação. Nesse sentido, é tempo de zelar por sua psique, e isto exige trabalho, como vês no que carregas em tuas mãos, as sementes de Jurema, de teus ovários, a semente dá vida. Há trabalho ainda a ser feito!

- E o que devo fazer com elas?

- Tu sabes. Teu caminho tu o fazes, à medida que andas. É preciso ouvir o pensamento do coração, e saibas, Jurema, que nem tudo é amor, é ele o início de tudo. A cada passo, a tua semente será germinada dentro e fora de ti e teu caminho vai sendo criado. Assim verás que ser quem és é a tua vida, que afeta o coletivo, influenciando na existência e perspectiva mítica da tua identidade-Jurema. Quem sabe consigas resgatar, aos poucos, esse teu elo violentamente perdido.

- É pra cidade-brasil que devo ir! - Jurema pula de alegria!

- As cidades são um elo entre o mundo dos vivos e dos encantados: a morte e o renascimento.

- Jurema-Preta! É tempo de renovar as minhas ações também no coletivo, é o Outro que me criou. Após esta experiência, eu nasci COM, aproximo-me do campo fraternal. O Eu me transfigurou em NÓS, isso foi o que me ensinou a palavra fundadora! Eu, Jurema, afino-me, cada vez mais, com a memória coletiva.

- Religare, minha Mimosa, tuas raízes ao mundo branco. Tu te conheces no outro, na comunidade. É tempo da experiência na cidade-brasil. Kairós te acompanhará, ele te auxilia na percepção, nos teus sentidos, onde a intuição cria e desdobra espaços em todos os tempos em conexão: Kronos, Aion e Kairós.

Jurema respira fundo.

- Ubuntu é pesado de carregar sozinha.

- Por isso, querida, é tempo de viver tua arte da jardinagem. Balança.. Vamos balancear o tempo.

- Balança?

- Tome esta aqui. Balança-te na melodia da força de tuas mãos. Vejo o feminino como a

influência que media a luz diurna e escuridão primitiva. São as tuas mãos que te sustentarão nessa balança viva da vida, vais precisar muito delas em teu trabalho!

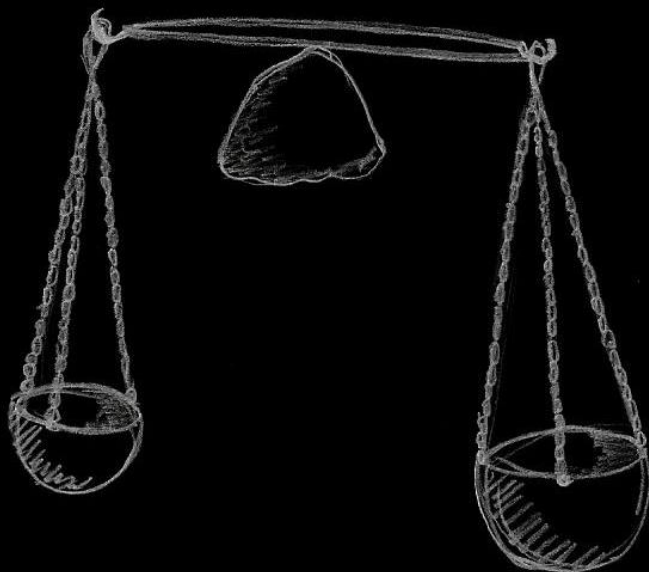
Jurema balança a cabeça no balanço da balança horizontalmente para o lado e para outro, para outro e para o lado.

O vento sopra em seu rosto.

Em seu balançar, o destino.

Jurema no balanço.

Na balança de Jurema.





A vida de Jurema vivida para frente
Jurema e o reencontro com a mata.

O cheiro, o tom, o som, o sabor da mata!
Sente-se pertencente à mata.

A mata é que reverbera em Jurema.

Mas não consegue contemplá-la,

No caminho lamacento é difícil caminhar.

Escorrega. Puxa para trás. Resvala. Afunda
o pé.

Cai de bunda.

Ao levantar, toca a mão na lama.

Vê que a lama cede espaço, ao mesmo tempo
que se fixa em suas mãos.

- É pelo toque de mão na lama! - grita
felicíssima pela descoberta!

E assim, vai compondo o caminho.

- Não é a mesma terra, é outra! Terra viva
e vivida! - dialoga, Jurema.

Ao que ouve o soar da lama:

- Sou Nanã, é nesta terra úmida a nossa matéria prima, conecta vida e morte, é com ela teu renascer, mimosa!

- Nanã, você está por estas terras? Que surpresa boa! Quão gratificante é poder estarmos juntas, agora.

- Reverbere esta lama em ti, dança comigo, envolva-me. Onde estás, eu sou contigo.

- Nossa, Nanã, o contato com a lama está mais fluído.. veja!

Jurema vai dançando com Nanã e Nanã se envolve nela. As duas remexem-se. Do seu envolvimento, um cajado.

- Este cajado chama-se IBIRI, é feito de nervuras das folhas de palmeira, representa o ventre de onde surgiram todos os seres humanos e os orixás, nossos antepassados. Pegue-o, é com ele que conseguirás permear os próximos passos.

Jurema, consegue com a ajuda do cajado, andar em terra mais maleável e em alguns trechos vai sentindo firmamentos.

Seus passos marcam a terra, que abre-se aos seus pés, acolhendo-os em seu percurso leve.

A terra vai sucumbindo o cajado.

Jurema alegre-se:

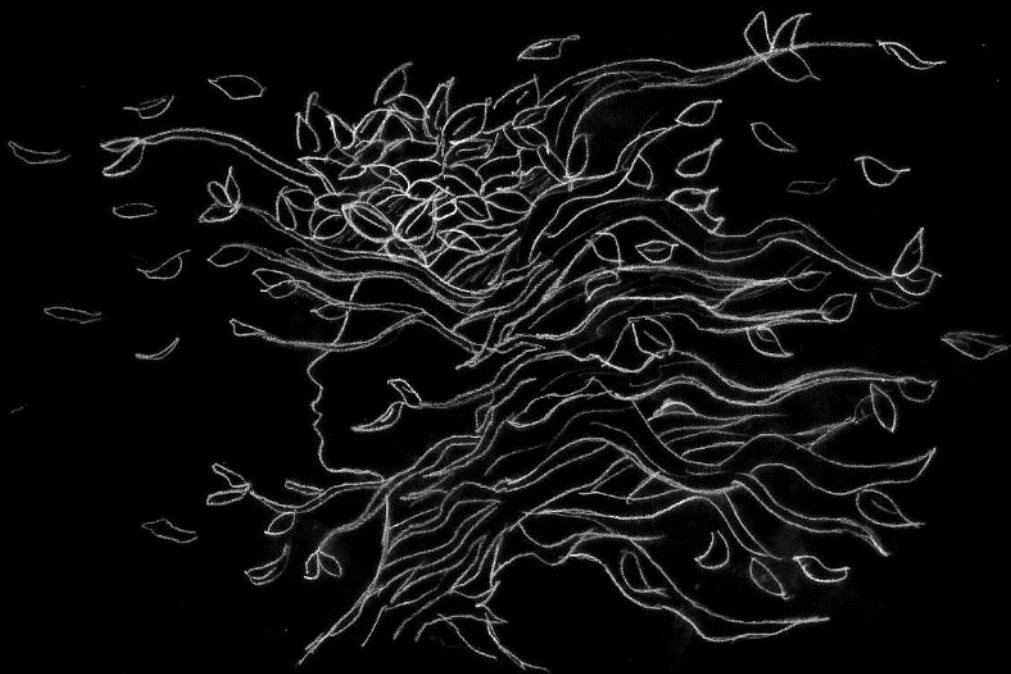
- Quanta delicadeza tens, terra! Grata Nanã! Esta terra me permite pertencer novamente a esta vasta mata! Há tanto tempo, que não me sentia alegre aqui, lembro-me de minha infância, hoje sou outra, mas tornar-se infante parece ser um caminho...

E da terra, das plantas, das árvores, da mata ecoa uma musicalidade um tanto familiar.

Jurema surpresa, aproxima-se da terra para auscultar seu coração, e seu ritmo vai entoando um som mais alto...

Dentro da mata virgem
Uma linda cabocla eu vi
Com seu saiote
Feito de penas
É a Jurema filha de Tupi
Com seu saiote
Feito de penas
É a Jurema filha de Tupi
Jurema. Jurema , Jurema
Linda cabocla, filha de Tupi
Ela vem, lá da Juremá
Vem firmar seu ponto
Nesse congar⁵.

Jurema, filha da mata, canta à mata, que reverdesce, frutifica e florifica... O soar da mata, dos animais, das plantas.



Jurema, filha da mata, com seu saiote sai
a rodar, admirando cada recanto, canto.



De repente, uma menina joga-se de uma árvore, Jurema estremece.

E não é que a tal de menina estava tecida nos tecidos na árvore? Uma brincadeira de tecer em seus tecidos!

Assim, moleca, de jeito levado, dependurava-se nos tecidos da árvore, compondo-se em arte!

Uma artista?

- Que bom encontrar-te! O que fazes aí de cabeça para baixo? Não é perigoso?

- Eu gosto! Experimento a vida invertida, assim como nascemos! A arte de fazer arte, como me divirto!

- E se bateres a cabeça?

- Não me preocupo com isso. Dessa maneira dialogo com a terra que, de alguma forma, liga-me ao céu, filho seu. Olha que lindo o céu! Quanta beleza há neste cinza!

- Filho?

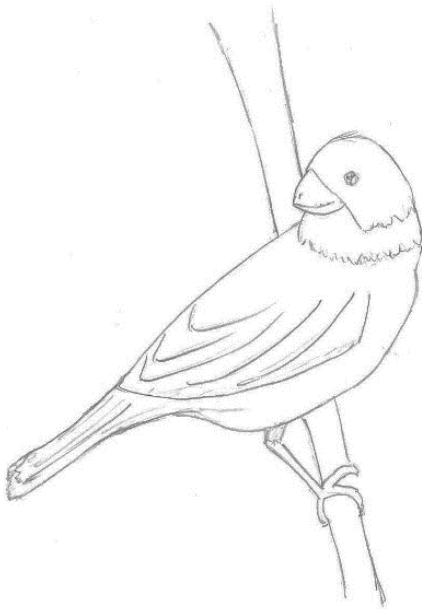
- Sim, é da terra que nasceu o céu. É ela que semeia as profundezas de tudo aqui, há

gerações, como a terra primordial. Há tempos que não via isto por aqui.

- Concordo com você. Esta terra está diferente, enraizada! Significa então que a minha ação agora deve ser outra?

- Sinta os movimentos, brinque com teus tecidos do saber ancestral que entraste em contato, que estão renovando-se e veja onde e para onde ele lhe puxa.

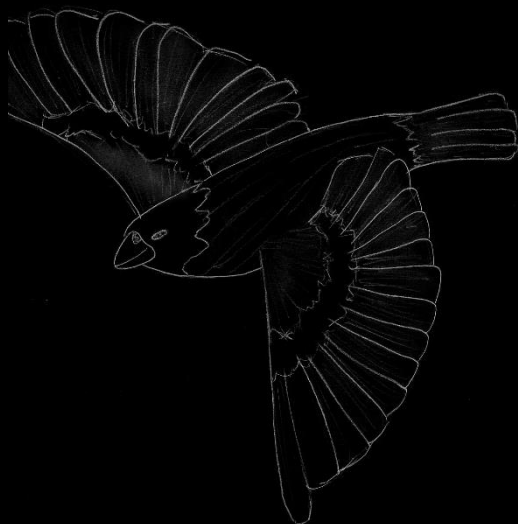
- Ovários, Sementes, Árvore, Jurema, psique, identidade, tecer, sob a 10^a lua. Por onde saíram as sementes? Por baixo! Ahhh! O movimento é para baixo!



Da menina tecida na
árvore de seus
tecidos, um
pássaro,
cantarolando.

- Para onde vais?

Jurema contempla-o,
pois agora o
caminhar é mais
suave...



- É uma filomela!
Nesta cidade-
brasil, há quanto
tempo não
escutava seu
canto, o quanto
comunicas por seu
som, pássaro-
cinza! Ei, me
espera!

Filomela alça
voo, sai da mata
e encaminha-se à
cidade.

Jurema a acompanha e começa a tatear o terreno
do que lhe acontece:

- Em terra-cinza, o pássaro cinzento da caatinga
era invisível! Metamorfoses... Filomela
transforma minha dor em beleza! Quanta beleza
em terra-cinza lá adiante!



Filomela inicia os trabalhos.

É tempo de arar a terra, regar, e do buraco
surge uma flor de Girassol.

Jurema com suas sementes, vai plantando uma a uma. Ao colocar terra, toca-a com delicadeza, a cheira e a come, rememora:

- Sal na terra. Terra no sal. É tempo de encanto.

O (en)canto de Jurema às sementes com sua voz harmoniosa.

Com a raiz do broto faz um taco de fumo,

De sua quebra, a possibilidade de queima, então a fumaça do taco e o toque suave no broto.

Jurema Incimentada,
Jurema Sagrada.



Cultivo em terra-cinza, cidade-brasil,

Cultiva dentro de si a mata,

Como um rito de que já ouvira falar...

- Tornar-se infante, sim, na verdade, tornar-se o que se é, é esta a ideia. Torno-me Juremá, há tanto tempo calada em que não permiti reverdescer. Ao buscar ser o que sou, entro em contato com minha ancestralidade, só sou em comunidade, ao ritualizar minha hibridez e

Jurema contempla a cidade-brasil.

- Ubuntu, Brasil! Sou Jurema porque nós
somos!



Sementes encantadas de Jurema:

Jurema-branca,

Jureminha

Jurema-preta,

Jurema da Pedra,

Jurema Mirim,

Jurema-brasileira, a vida do broto
encontra significância embaixo do solo, e o seu
penacho é verde.





O que os livros escondem,
as palavras ditas libertam.
E não há quem ponha
um ponto final na história
Infinitas são as personagens..
(Conceição Evaristo)

Infinitas Juremas somos.

Infinitas somos.

As resistências e insistências de Jurema permearam nossa vida, para trás, para os lados e para a frente, sem atentarmo-nos para sua atemporalidade sempre viva nos nossos (des)caminhos cotidianos.

O mundo branco, a psicologia branca, o complexo colonizador-colonizado, a verdade apolínea, a meritocracia, o racionalismo científico, o reinar em terra cinza, a valoração do mundo europeu e das referências externas permitiram-nos ficar entre a unilateralidade do ego e os literalismos, inflamamo-nos de branco cultural.

Assim, perdemos a imagem, a realidade da ficção, imaginação, fantasia, sempre que perguntamos por seu significado ou explicação. A potência do caos e da periferia está no olho

negro. Enegrecer-se é mudar, é transmutar-se em filomela, pássaro cinza, invisível aos olhos de quem só vive o tempo-cinza.

O movimento inicial deste encanto foi para esquerda, para a morte, o que permitiu subversão. Agora encontramos a carta número 12, o enforcado, do Tarô, que nos mostra que o movimento é para baixo.

O baixo diz de um encontro com a alma imaginal: Jurema, em sua polissemia e politeísmo, em nós, ou melhor, é ela que nos tem, enquanto complexo cultural, que nos é estranho ao mesmo tempo que familiar. É com a Jurema em ação, que permitimos sua incimentação na cidade-brasil.

Cantar a Jurema é poder conscientizarmos coletivamente de sua existência e resistência, enquanto símbolo da alma ameríndia e africana. Ao cultuarmos os nossos ancestrais, sustentamos nossa relação de proteção e sacralidade com o que nos antecedeu e nos constitui hoje. Pois o que acontece nas profundezas da nossa alma, acontece a alma cósmica do mundo.

Ao restituirmos a alma imaginal brasileira por si mesma, há tanto tempo submersa no nosso rizoma, recuperamos a beleza como um propósito da psicologia (conhecimento da alma), ao fazer a psique acontecer:

Ubuntu, sou Juremas porque nós somos!

Somos, pois, uma composição de imagens, ao percebermos o mundo com o coração, movemo-nos em direção ao reino da imaginação, ao cultivo de Jurema e de seu (en)canto.

Encantemo-nos!

Jurema, onde estás?

Notas de (en)canto

¹ Música intitulada Cabocla Jurema interpretada por Maria Bethânia, compositores Efon e Nei Lopes.

² Ibidem

³ Música intitulada Cordeiro de Nanã interpretada por Thalma de Freitas, compositores Mateus e Dadinho.

⁴ Cântico do Rito de Jurema na Umbanda e no Candomblé, registrado pela antropóloga Prof. Dra. Mundicarmo Ferretti, em 2 de maio de 1987.

⁵ Cântico intitulado Jurema filha de Tupi, registrado e vivenciado por mim em agosto de 2017, ao participar da sessão pública do Grupo de Umbanda Triângulo da Fraternidade em Porto Alegre.

Onde gira o sol,
Jurema está



Sob a 10^a lua

Entre encantos e cantos, o conto de Jurema

Uma jovem branca e urbana quer reinar na cidade-brasil em que o tempo cinza tic-tac o tempo todo é que a vive.

Em um mundo de luz, desilusões acontecem, o chão desaba, o patologizar em Jurema tem lugar.

Há uma necessidade de um não-tempo, na periferia, a potência. Entre desertos, terra e sal, a água na pedra e o surgimento do broto, que encontra significância embaixo do solo.

A descida às raízes ancestrais de Jurema, símbolo da resistência indígena e africana: um restauro da alma imaginal brasileira.

Infinitas Juremas

Somos